



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**LAÍS SOUZA RIBEIRO**

**A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR  
DOS FILHOS**

Brasília  
2011



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**LAÍS SOUZA RIBEIRO**

**A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS  
FILHOS**

**Monografia** apresentada como requisito parcial  
à obtenção do título de **Licenciatura em**  
**Pedagogia**, submetido à comissão examinadora  
da **Faculdade de Educação - FE da**  
**Universidade de Brasília – UnB.**

Orientadora: Professora Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

Brasília  
2011



Monografia de autoria de Laís Souza Ribeiro, intitulada *A participação da família na vida escolar dos filhos*, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em 12 de dezembro de 2011, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

---

Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire (Orientadora)  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

Professora Dra. Maria da Conceição da Silva Freitas (Examinadora)  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

Professor Dr. José Luiz Villar Mella (Examinador)  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

Professora Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz (Suplente)  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília  
Dezembro de 2011

Dedico este trabalho a todos que vêem a importância do envolvimento da família no contexto escolar no que tange a educação e ao desenvolvimento humano.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar a Deus: Pai criador, Aquele que me fortalece.

Aos meus familiares: minha mãe por ter me acompanhado diariamente na construção deste trabalho, meu pai por todo investimento na minha educação, minhas tias pela alegria e auxílio em cada nova conquista e especialmente à minha amada avó, que embora não esteja mais aqui, proporcionou-me indescritíveis ensinamentos.

À professora e orientadora desta monografia, Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire pela disposição, preocupação e comprometimento com a tarefa educativa e o trabalho aqui desenvolvido.

Aos professores da Faculdade de Educação.

Às minhas amigas Caroline Mendes, Karollinne Leite, Lara Nepomuceno, Carine Mendes e Ana Carla Oliveira que estiveram presente nessa jornada e a tornaram menos árdua.

Aos meus amigos que embora não estivessem comigo no dia-dia da Universidade se preocuparam e me auxiliaram na elaboração deste trabalho.

A todos do Laboratório de Avaliação Nutricional da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília, onde realizei trabalhos como bolsista durante seis semestres e obtive grandes aprendizagens.

A toda equipe da escola em que realizei a pesquisa, especialmente à Professora, à Orientadora Educacional, aos pais e alunos participantes.

E a todos aqueles que passaram e marcaram minha vida contribuindo direta ou indiretamente para a minha formação.

*É na educação dos filhos que se revelam as virtudes dos pais.*  
Coelho Neto

## **A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS**

### **RESUMO**

O presente estudo enfatiza a participação da família na vida escolar dos filhos em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental com o objetivo de identificar e analisar os impactos da participação da família na escola ao que tange o desenvolvimento escolar da criança. Por meio dos objetivos específicos buscou-se identificar o posicionamento dos pais em relação à escola e aos processos de aprendizagem dos filhos caracterizando como se constitui a participação efetiva da família na escola analisada, além de pontuar os modos e contextos dessa participação e investigar a importância da professora da turma e da orientadora educacional na criação de vínculos entre escola e família. O referencial teórico está pautado nos processos sócio-históricos e nas relações estabelecidas entre família e escola refletindo na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Na pesquisa empírica de caráter qualitativo analisaram-se informações construídas a partir de entrevistas individuais com a orientadora educacional e professora regente, entrevista coletiva com crianças, questionários aos pais/mães dividindo cinco dimensões: escola-turma, professora, criança e aprendizagem em diálogo com as bases teóricas. Os resultados evidenciam os impactos do envolvimento da família com a escola com mais ênfase na disposição das crianças com relação ao trabalho escolar e com relação às suas atitudes, no estabelecimento de relacionamentos com colegas e professores.

**Palavras-chave:** Relação família-escola. Desenvolvimento Humano. Aprendizagem escolar.

## **FAMILY PARTICIPATION IN CHILDREN'S SCHOOL LIFE**

### **ABSTRACT**

The study addresses family participation in their children's school life. It focuses on the importance of this relationship in order to foster children's learning and development. It aims at identifying parents personal positioning in relation to school and to their children learning processes. It also aims at characterize how family participation's configuration within the studied school; and also the role of the teacher and Educational Counselor into establishing connections between family and school. Theoretical foundations are based in socio-historical perspectives on processes and relationships established between family and school, which may have impact on children's learning and developmental process in school. Empirical qualitative research generated information based on individual and collective interviews with teacher, Educational counselor and children and questionnaires with parents. Results show impacts of family-school relationship with more emphasis on children's disposition towards to school work and attitudes in establishing relationships with peers and teachers.

**Key-words:** Family-school relationship. Human development. School learning.



## SUMÁRIO

Lista de quadros.....	10
Lista de abreviaturas e siglas.....	11
Lista de anexo.....	12
 MEMORIAL EDUCATIVO.....	 13
 INTRODUÇÃO.....	 19
 CAPÍTULO 1: FAMÍLIA E ESCOLA: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E LEGAL	
1.1 Relação família-escola.....	21
1.2 A família no contexto sócio-histórico.....	23
1.3 A escola no contexto sócio-histórico.....	25
1.4 Contexto legal como pano de fundo da relação entre família e escola.....	29
 CAPÍTULO 2: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO NO CONTEXTO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA	
2.1 A família como contexto de desenvolvimento.....	34
2.2 A família e a escola como contextos de aprendizagem.....	38
2.3 O aluno como sujeito da aprendizagem: entre a família e a escola.....	40
 OBJETIVOS.....	 43
 CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	
3.1 Contexto da pesquisa: escola e turma.....	44
3.2 Sujeitos.....	45
3.2.1 Orientadora Educacional.....	46
3.2.2 Professora regente.....	46
3.2.3 Pais e mães.....	47
3.2.4 Crianças.....	47
3.3 Procedimentos e instrumentos.....	48
 CAPÍTULO 4: RESULTADOS E ANÁLISE	
4.1 Entrevista com a Orientadora Educacional.....	50
4.2 Entrevista com a Professora regente.....	52
4.3 Questionário com as famílias.....	53
4.4 Entrevista coletiva com as crianças.....	59
 CAPÍTULO 5: DISCUSSÃO.....	 67
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 74
 PESRPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	 76
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 77
 ANEXOS.....	 80

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Atingir as seguintes médias nacionais para o IDEB .....	33
Quadro 2 – Famílias participantes do estudo .....	47
Quadro 3 – Crianças participantes do estudo .....	47
Quadro 4 - Perspectiva da família quanto ao desenvolvimento dos filhos na escola .....	54
Quadro 5 - Relação da família com... ..	55
Quadro 6 - Modos de auxílio da família com relação ao trabalho escolar.....	55
Quadro 7 - Como se dá a participação da família no cenário escolar.....	56
Quadro 8 - Momentos de inserção da família na escola .....	56
Quadro 9 - Principais dificuldades na construção de uma relação da família com a escola.....	57
Quadro 10 - Relação ideal entre família e escola .....	57
Quadro 11 - Situações de aprendizagem escolar com participação dos pais .....	58
Quadro 12 - A importância da família para o desenvolvimento da criança e de seu sucesso escolar.....	58
Quadro 13 - Motivos que levam a família a se comprometer com a vida escolar dos filhos e as conseqüências mais visíveis para a criança dessa participação .....	59
Quadro 14 – A criança e a escola .....	59
Quadro 15 - Situações em que os pais vêm à escola.....	60
Quadro 16 - Relação com a Orientadora Educacional.....	61
Quadro 17 - O que acham do dever de casa, quem auxilia e o que acontece quando não é feito .....	61
Quadro 18 - Relacionamentos de amizade dentro e fora da escola .....	62
Quadro 19 - Principais problemas na sala de aula .....	62
Quadro 20 - Comportamento na sala de aula .....	63
Quadro 21 - Relação com os colegas.....	63
Quadro 22 - Relação com a professora .....	64
Quadro 23- Relação com os pais .....	64
Quadro 24 - Percepção de bons alunos por eles mesmo .....	65
Quadro 25 - Percepção de bons alunos pela professora e pelos pais.....	65
Quadro 26 - Percepção de bons alunos pelos pais.....	65
Quadro 27 - Percepção da sua aprendizagem.....	66

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCAA:	Centro de Cultura Anglo Americana
DF:	Distrito Federal
FE:	Faculdade de Educação
IDEB:	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB:	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LIBRAS:	Língua Brasileira de Sinais
OVP:	Orientação Vocacional Profissional
PAS:	Programa de Avaliação Seriada
Proerd:	Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
SEE-DF:	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SOE:	Serviço de Orientação Educacional
UnB:	Universidade de Brasília
TDAH:	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

## LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Carta de apresentação.....	81
Anexo 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	82
Anexo 3 – Termo de consentimento para menor de idade .....	83
Anexo 4 – Informações sociodemográficas de participantes da pesquisa .....	84
Anexo 5 – Roteiro de entrevista com a Orientadora Educacional.....	85
Anexo 6 – Roteiro de entrevista com a Professora.....	87
Anexo 7 – Questionário com as famílias .....	89
Anexo 8 – Roteiro de entrevista coletiva .....	91

## MEMORIAL EDUCATIVO

*O passado é um presente que insiste em não passar.*

Mário Quintana, 1979

A produção de um memorial educativo nos remete à uma viagem ao passado, revivendo episódios, momentos, situações, processos e pessoas que marcaram a nossa trajetória. Dessa forma, retomar o percurso por mim realizado desde a Educação Infantil até a saída da Universidade possibilita um resgate histórico e pessoal de tudo que vivenciei até hoje, além da construção de uma nova identidade, de professora-educadora.

Meu nome é Laís Souza Ribeiro, filha única da relação de Joaquim Ribeiro da Silva com Maria de Fátima Souza. Nasci dia quatro de Junho de 1991, em Sobradinho – DF, onde eu e meus pais residimos até hoje.

Iniciei minha trajetória escolar aos dois anos e meio de idade, no ano de 1994, no Instituto Educacional Santo Elias em Sobradinho. Baseada em princípios católicos, essa instituição deu início não só à minha formação acadêmica, mas também pessoal e religiosa. Explorando o mundo ao meu redor, adquiri valores, fortaleci vínculos afetivos e tive as primeiras noções de aprendizado sistematizado. Dessa forma, de 1994 a 1996, por meio de trocas interativas e acolhedoras desenvolvi questões sociais, corporais e mentais.

Em 1997, meu pai, por considerar o ensino de outro colégio ideal à minha formação, providenciou minha transferência. Passei a estudar no Centro Educacional La Salle, em Sobradinho, onde fui alfabetizada e concluí meus estudos. Sendo, também, um colégio católico, firmei meus princípios ligados à religião e formei minha identidade. Por ter passado onze anos na mesma instituição, inúmeros fatos marcaram a minha trajetória e influenciaram na escolha do meu curso de graduação.

Da alfabetização à quarta série, adquiri conhecimentos e habilidades ideais à primeira etapa do Ensino Fundamental. Dentre as atividades de maior relevância à minha formação, o Proerd se destacou ao atuar na prevenção do uso de drogas por crianças e adolescentes, reunindo família, polícia e escola. Pouco me lembro daquela época, mas também destaco aqui a Tia Evanis, professora de incomparável afeto e

eficiência que não somente efetivou meu processo de alfabetização como de algumas outras crianças da família que estudaram no mesmo colégio.

Da quinta à oitava série a mudança de turno de vespertino para matutino, a maior quantidade de professores e o início do Curso de Inglês (extra-currículo) muito contribuíram para meu amadurecimento e na aquisição de mais responsabilidade. Nessa fase, a viagem de formatura da oitava série demandou bastante organização e empenho nos estudos, para que eu pudesse concluir o Ensino Fundamental com sucesso.

Considero o Ensino Médio a etapa de maior transição na minha trajetória escolar, concluí o Curso de Inglês que realizava no CCAA e dei início ao cursinho preparatório para o PAS, no Alub. No primeiro e segundo anos do Ensino Médio, empenhei nos estudos visando as avaliações da UnB, sem deixar de vivenciar, dentro e fora da escola, essa fase da minha vida. Os projetos sociais do La Salle, nesse período, possibilitaram que eu realizasse atividades além das formalidades do colégio, proporcionando momentos de imersão na comunidade que nos cerca e da conscientização da importância do outro.

Em 2008, a tensão que envolve o último ano do Ensino Médio tomou conta de todas as turmas e ali surgiram as primeiras idéias acerca de que curso optar no PAS e no vestibular da UnB. Com boas notas e o grande interesse pelas aulas de Química cogitei a possibilidade de cursar Química, entretanto, as atividades realizadas pela Orientadora Educacional chamaram minha atenção e, conseqüentemente, minha curiosidade por outras áreas. Dessa forma, decidi pelo curso de Pedagogia e realizei o primeiro vestibular de 2008, como teste, sem pressão, e recebi o apoio de todos familiares em relação a essa decisão. No entanto, estava um tanto quanto descrente pelo resultado, por ainda estar cursando o terceiro ano, sem pressões, realizei as provas com bastante calma.

Ao verificar meu nome na lista de aprovados, fiquei extremamente feliz e ansiosa, afinal ainda não havia concluído o Ensino Médio. Iniciou-se então, uma correria para efetivação da matrícula, uma vez que tive que realizar o simulado interno do colégio e passar pelo conselho de classe, sendo aprovada em ambos, pude recorrer ao Poder Público para obter o certificado de conclusão, antecipadamente.

Ao longo da minha Educação Básica meus pais e tias muito me incentivaram e acompanharam o meu processo educativo, ainda que somente nas atividades realizadas em casa, permitindo assim, que eu mantivesse meu sucesso escolar.

Não posso deixar de ressaltar as contribuições advindas do processo educativo no Centro Educacional La Salle. Os momentos de diversão, as manhãs e tardes de formação, as grandes amizades, as feiras multiculturais, os festivais, as gincanas, o júri simulado, o jornal mural e os concursos, dentre tantas atividades.

Despedir-me desse meu "segundo lar" e de todos que lá ficaram, por um tempo, foi difícil, mesmo que por um bom motivo. Entretanto, deu-se início aos melhores anos da minha vida, comparando aos já vividos.

Antes das aulas começarem, li mais a respeito do Curso, pois pensava que esse se limitava apenas aos trabalhos desenvolvidos pelas Orientadoras Educacionais e às professoras das séries iniciais, o que veio a aumentar, assim, o meu interesse pelo curso e demais áreas de atuação.

A UnB, que não era um espaço estranho a mim, por ser o local de trabalho dos meus pais, tornou-se um lugar de transformações e ressignificações a tudo que eu já havia vivido. Novas amizades, aprendizagens, conceitos, ideais e planos surgiram ao longo desses três anos e meio de graduação.

O primeiro semestre marcado por rupturas à dinâmica do Ensino Médio, causou-me estranhamento, entretanto, a disciplina Projeto 1, muito me auxiliou no processo de sentir e fazer parte da Universidade. Através dessa disciplina e do "Memorial Educativo" nela realizado, pude relembrar o caminho percorrido até o momento e quão importante era promover essas lembranças. As aulas de Oficina Vivencial com a professora Leda, também se destacaram nesse período, muito me auxiliando na entrada do Curso, com os debates, momentos de reflexão e de real vivência.

No mesmo semestre fiz amizades que me acompanham até hoje e que muito tenho a agradecer: Caroline Mendes, Karollinne Leite, Lara Nepomuceno e as já graduadas: Carine Mendes e Ana Carla Oliveira. Afinal, foi com elas que tive os melhores almoços no Restaurante Universitário, as melhores longas idas à reitoria e à biblioteca, além do dia-dia na Faculdade de Educação.

No segundo semestre ressalto três disciplinas: Pesquisa em Educação 1, Organização da Educação Brasileira e Projeto 2 por tudo que acrescentaram na minha formação. Pesquisa em Educação 1, por abordar o lado pesquisador do Pedagogo, Organização da Educação Brasileira, por enfatizar os aspectos normativos e legais da Educação Brasileira e Projeto 2, por proporcionar um momento de descoberta aos Projetos 3 realizados na Faculdade de Educação e as diferentes atuações do Pedagogo através de visitas de profissionais da área.

No terceiro semestre dei início à fase 1 do Projeto 3 na temática Formação em Docência Inclusiva – Lúdico, projeto que possibilitou grandes aprendizagens e diferentes formas de lidar com o processo de ensino-aprendizagem. Concomitantemente cursei duas disciplinas que considero importantes no currículo: Introdução à Classe Hospitalar e Educação e Trabalho, ambas optativas, mas de imprescindível realização.

No mesmo momento iniciei a Bolsa-Permanência que remunera os estudantes em troca de atividades nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, além de atividades artísticas, culturais e esportivas na UnB. Desde então realizo atividades ligadas ao Departamento de Nutrição da UnB no Laboratório de Avaliação Nutricional onde pesquiso e produzo artigos na área de nutrição com o auxílio da minha orientadora Rosemeire Aparecida Victória Furumoto.

No quarto semestre alterei minha temática no que tange ao Projeto 3, migrando para o projeto Formação Geral em Orientação Profissional, ofertado pela professora Hélvia Leite Cruz. Ao mesmo tempo, fiz as disciplinas Orientação Vocacional Profissional e Orientação Educacional, a primeira muito me incentivou e aproximou dessa área do saber, além de ter proporcionado a confecção de jogos de Orientação Vocacional, voltado a todas as etapas da Educação Básica e a segunda chamou a minha atenção por ter sido um dos motivos da minha escolha do Curso de Pedagogia. Outra disciplina de destaque foi História da Educação Brasileira, com o professor José Villar, em que pude realizar uma retrospectiva histórica e social da educação no contexto brasileiro.

No mesmo semestre ocorreram eventos marcantes como o processo eleitoral para a Direção da FE período 2010-2014, momento de democracia, por meio de três categorias de eleitores: professores, servidores técnico-administrativos e alunos e o 30º Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia, realizado dos dias 17 a 24 de Julho também marcou esse semestre, com a realização de plenárias, exposições, mesas redondas e vivências que colocaram em pauta a educação e seus temas adjacentes.

No quinto semestre, tendo em vista a inexistência do Projeto 3 fase 3 em Formação Geral em Orientação Profissional e meu enorme interesse pela temática, procurei juntamente com uma amiga - Karollinne Leite - as professoras responsáveis Hélvia Leite Cruz e Maria da Conceição da Silva Freitas para que pudessem ofertar o projeto. Ao aceitarem nossa proposta, realizamos atividades práticas relacionadas à Orientação Vocacional com alunos do ensino médio em colégios públicos do Distrito Federal.



Também pude participar da Semana Universitária na "Mostra de cursos da Universidade de Brasília" e da Feira Nacional de Ciência e Tecnologia realizando a amostra de jogos confeccionados na disciplina Orientação Vocacional Profissional do semestre anterior. Nesse mesmo período cursei outra importante disciplina, LIBRAS na qual pude aprender o básico da Língua Brasileira de Sinais e a cultura surda.

Ainda nesse semestre pude fazer parte do projeto RONDON, atividade que engrandeceu meu percurso dentro e fora da Universidade. Com o objetivo de mobilizar a juventude universitária para promoção da cidadania, dos direitos humanos e do desenvolvimento local sustentável das comunidades socialmente vulneráveis.

No sexto semestre, infelizmente, não dei continuidade à linha de projeto em OVP. Realizei o Projeto 4, fases 1 e 2, em Orientação Educacional com a professora Sandra Ferraz de Castillo, ressurgindo o meu interesse do Ensino Médio. O ato educativo realizado durante a primeira fase do estágio é de inigualável sensação, participar da dinâmica da sala de aula e do desenvolvimento dos alunos faz com que a prática pedagógica seja aprimorada. A segunda fase por sua vez, em contato com a Orientadora Educacional da Escola Classe 04 de Sobradinho – DF, Ana Lúcia, atentei às demandas da instituição e, sobretudo, à participação da família no contexto

Destaco ainda, a reunião de pais do segundo bimestre realizada durante o estágio supervisionado. A ausência da maioria dos pais, a pressa para ir embora por parte de muitos e o discurso despreocupado de alguns com a efetiva participação e acompanhamento no processo de desenvolvimento dos filhos me desconfortou. A partir de então comecei a me interessar pela temática, focada na relação entre família e escola e os pais que consideram essa participação importante no processo de desenvolvimento do filho.

Encerrando essa retomada às minhas memórias educativas proporcionada pelo memorial, pude sistematizar minha trajetória enquanto aluna e compreender o quanto as relações estabelecidas nesse período influenciaram nas minhas escolhas e me fizeram chegar até aqui.

Sendo assim, ressalto a importância dessa atividade ao permitir que eu perpassasse pela minha inserção no mundo escolar, pelo meu processo de leitura e escrita, por minhas experiências escolares durante o ensino fundamental e médio, pelos caminhos que me fizeram optar pelo Curso de Pedagogia, pelo ingresso na Universidade, os desafios do Estágio Supervisionado, minha atuação enquanto

"professora" durante esta fase do curso e as inquietações que direcionaram meu Trabalho de Conclusão de Curso.

*Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de afazerem balance, de se remexerem nos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas terá sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado.*

João Guimarães Rosa, 1986

## INTRODUÇÃO

A escola e a família enquanto instituições sociais que se relacionam de maneira permanente e dinâmica no processo de desenvolvimento dos indivíduos devem estabelecer meios de cooperação, para que tal processo ocorra de maneira efetiva em suas diferentes esferas: física, social, intelectual e emocional.

Entende-se aqui, que a escola através da sua dimensão social vai além da transmissão do conhecimento socialmente acumulado e tem como objetivo a socialização de seus alunos, devendo prepará-los para futuras ações na sociedade e a família, por sua vez, deve mediar relações de cunho afetivo, social e cognitivo.

Nesse contexto, a importância da abordagem social está em compreender a dimensão pedagógica como aquela que valoriza a aliança da escola com seus alunos, professores e famílias, levando em consideração que todas as demais dimensões são igualmente importantes.

O interesse por essa temática advém do acompanhamento que realizei em uma escola pública de Sobradinho – DF, em uma turma do 3º ano do ensino fundamental durante o período de estágio supervisionado. Nesse cenário pude observar através da dinâmica da turma e seus desdobramentos, dentre elas a reunião de pais do primeiro bimestre de 2011, o distanciamento dos pais em relação ao processo de desenvolvimento e aprendizagem dos filhos.

Contrapondo a este cenário, foi possível conhecer alguns pais que de fato acompanham os trabalhos escolares e consideram imprescindível ao sucesso escolar dos filhos sua participação e é nesse sentido que desenvolvo a minha pesquisa. Dessa forma, procuro compreender o que leva os pais a participarem do processo educativo dos filhos, levantando questões como: de que forma se dá a participação dos pais na referida instituição; como a escola atrai a atenção dos pais; o papel dos agentes educacionais na criação de vínculos e as conseqüências da participação da família no ato educativo.

Com vistas ao estudo dessa temática, alguns objetivos foram traçados com a finalidade de responder às questões anteriormente citadas. Em suma, o objetivo geral caracteriza-se por identificar e analisar os impactos da participação da família na escola no que tange o desenvolvimento escolar da criança e tem como objetivos específicos. Para isso, foi importante delinear objetivos específicos, a saber: identificar o

posicionamento dos pais em relação à escola e aos processos de aprendizagem dos filhos; caracterizar como se constitui a participação da família na escola; pontuar os modos e contextos de participação da família no cenário escolar e investigar a importância da professora da turma e da Orientadora Educacional na criação de vínculos escola-família.

Sendo assim, a presente pesquisa justifica-se por sua importância social e prática ao buscar meios à ausência de alguns pais na vida escolar dos filhos, àqueles que julgam importante se interarem dos processos ocorridos nesse contexto e os benefícios dessa participação. Por meio da análise dessa temática é possível aproximar os pais do trabalho pedagógico realizado na escola e incentivar o trabalho colaborativo entre educadores e pais.

A pesquisa ainda se destaca, ao levarmos em conta que a relação entre família e escola encontra-se dentre as mais usuais problemáticas vivenciadas no cenário escolar e que através dessa pesquisa pode-se trazer benefícios a todos os envolvidos na área da Educação, compreendendo e identificando fatores que dificultam essa inter-relação.

O trabalho de revisão teórica procura apresentar referenciais que embasem a problemática abordada e uma pesquisa exploratória que avalie esta realidade em seu *locus*. Dessa forma, busca-se aqui a construção da historicidade, da conceituação e da fundamentação legal que perpassa a temática em questão, juntamente com a análise do que é praticado nas escolas.

O trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro busca situar as questões que serão abordadas ao longo do trabalho, através do contexto sócio-histórico e legal que se encontram. O segundo evidencia questões ligadas ao processo de desenvolvimento e aprendizagem, considerando o aluno como sujeito de sua aprendizagem. O terceiro capítulo destina-se a apresentar a abordagem e o desenho metodológico do estudo empírico. O quarto expõe os resultados e as análises das informações construídas ao longo da pesquisa e, por fim, o quinto capítulo apresenta as discussões acerca das relações possíveis entre a parte empírica e teórica de forma a tentar responder os objetivos. A obra é encerrada com algumas considerações finais e perspectivas profissionais.

# CAPÍTULO 1

## FAMÍLIA E ESCOLA: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E LEGAL

Iniciando o referencial teórico, busca-se aqui apresentar uma revisão histórica e social da relação entre escola e da família, especialmente no Brasil, bem como apresentar determinações legais voltadas para a interação família-escola. Dessa forma, a relação entre família e escola assenta toda a discussão promovida ao longo deste trabalho.

### 1.1 Relação família-escola

Partindo da premissa histórico-cultural de que os seres humanos se constituem através das relações que estabelecem uns com os outros, não poderia ser diferente ao tratarmos as relações no âmbito escolar. Nesse contexto pais e educadores buscam, sem a intenção de transferir responsabilidade e sim estabelecer diálogos, instituir formas de interações sociais que propiciem a participação e cooperação entre as famílias e a escola. Através dessa relação crianças aprendem, interiorizam conteúdos e constituem sua identidade. Dessa forma, torna-se evidente que os laços entre família e escola vão além do caráter meramente institucional estabelecido por ambas e que o contato entre as duas esferas deve ocorrer de maneira contínua, encarando a família como co-autora da dinâmica escolar com vistas à promoção do desenvolvimento humano.

Ao que se refere à parceria família-escola no processo de ensino-aprendizagem, Paro (2007, p.10) afirma que:

[...] para funcionar a contento, a escola necessita da adesão de seus usuários (não só de alunos, mas também de seus pais ou responsáveis) aos propósitos educativos a que ela deve visar, e que essa adesão precisa redundar em ações efetivas que contribuam para o bom desempenho do estudante.

Nesse sentido, o processo de ensino-aprendizagem enquanto apropriação e reconstrução do conhecimento do outro articulado ao saber pessoal, alia-se à aprendizagem realizada no âmago familiar. No que tange a família, Dessen & Polonia

(2007) afirmam que: ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva.

Nesse contexto, com a interface de uma relação de interdependência, Szymanski (2010) endossa em seu livro *A relação família/escola: Desafios e perspectivas* que “escola é escola, família é família” (p.98) e que:

O que ambas as instituições têm em comum é o fato de prepararem os membros jovens para sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Ambas desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão. (SZYMANSKI, 2010, p. 98).

Entretanto, ao longo do tempo tanto a família como a escola passaram por transformações que alteraram sua função social e conseqüentemente, seu significado. Em busca de reconhecer a maneira pela qual o processo histórico de articulação família-escola vem incidindo sobre o cenário escolar e seus agentes sociais, faz-se necessária uma retomada sócio-histórica e legal acerca dessa relação e suas influências no interior da sociedade. Segundo Branco (1993, p. 10),

Quando assumimos a interação social como eixo de investigação, é imprescindível que levemos em conta o contexto histórico-cultural no interior do qual se dão as interações. Não apenas em seu sentido mais amplo, social e institucional, mas também no sentido dos significados, valores, regras e expectativas que estão a cada instante sendo negociados no interior de cada grupo.

Dessa forma, os subtópicos seguintes retomam a história da família e da escola e as leis que correlacionam ambas as instituições. Partindo das famílias baseadas no casamento monogâmico e das escolas como reprodutora de conhecimentos historicamente acumulados às famílias recompostas e a escola como meio de interação social.

## 1.2 A família no contexto sócio-histórico

Situar a família no contexto sócio-histórico não é tarefa fácil, tendo em vista seus desdobramentos e constantes alterações. Dessa forma, buscam-se aqui os aspectos da constituição familiar que propiciam o desenvolvimento e a socialização dos seres humanos. De modo geral, a família pode ser analisada através de dois enfoques: o psicológico e o de transmissão de patrimônio econômico e cultural. O primeiro refere-se a um espaço de relações identitárias e de identificação moral (BERGER & LUCKMAN, 1983), sendo um espaço de convivência sanguínea e afetiva onde se modela a subjetividade. O segundo, por sua vez, remete à transmissão aos descendentes de um nome, uma cultura, um estilo de vida moral, ético e religioso. (LAHIRE, 1997).

Tendo em vista que a família evolui de acordo com os arranjos socioculturais, esta instituição parte do início da humanidade com base no casamento monogâmico e heterossexual. Segundo Strauss (1966), nesse período, a influência cultural e a aceitação das intervenções realizadas pela família nuclear na escola moldavam as ações das crianças, dos adultos e dos educadores, uma vez que o papel da família era a conservação dos bens e proteção, sem função afetiva.

Ariès (1981), por sua vez, traça o perfil da família tradicional durante a Idade Média em que os conceitos de infância e de adolescência eram desconsiderados. Os filhos saíam da casa dos pais muito cedo, entre os dois e os quatro anos de idade para servirem no serviço doméstico e mais tarde aprenderem um ofício. Vistas como um adulto em escala reduzida, as crianças se diferenciavam dos adultos apenas no tamanho e na força.

Na era moderna, séculos XVI e XVII a função da família se delimitava à conservação dos bens, proteção da vida e da honra e ajuda mútua na luta pela sobrevivência através da prática de um ofício comum. Dessa forma, a educação das crianças ocorria na convivência com os adultos, com quem aprendiam na prática as tarefas que lhes eram interessantes. A educação formal passa a ser mais valorizada a partir do século XIX, de forma mais extensiva à classe mais abastada, mas já com possibilidades de atendimento aos filhos de famílias comuns. A rápida industrialização ao longo do século XIX e início do século XX promoveu uma redução do convívio familiar não só no lar, mas também sua participação na comunidade local e as famílias passaram a depender das instituições educativas, inclusive como forma de garantir a profissionalização de seus filhos.

Entretanto, é importante ponderar que a família se caracteriza como uma instituição em constante mutação, acompanhando a história de sua cultura. Avigorando a afirmativa anteriormente citada, Gama (2008, p.5), assegura que [...] não há como reconhecer um modelo único de família universal, hermenético, estanque e intocável. Dessa forma, a família deve ser analisada, antes de tudo, sob o ponto de vista sociológico, uma vez que esta se transforma e se adapta na medida em que ocorrem as mudanças sociais.

No contexto brasileiro, podemos ver desde a educação indígena o quanto a família influencia no comportamento infantil e na construção do conhecimento transmitido de geração em geração. Durante o Brasil Colônia, período marcado pelo trabalho escravo e pela produção rural para a exportação, identificamos um modelo de família tradicional, extensa e patriarcal sob a influência da miscigenação de três culturas: indígena, européia e africana.

Quanto aos papéis parentais, Samara (2000) ressalta as principais características do período:

Os papéis sexuais eram bem definidos, ao marido pertencia o poder de decisão indiscutível, a tarefa de proteger e prover o sustento da esposa e dos filhos. À mulher cabia a organização da casa e os cuidados com a família. Os costumes e tradições privados e familiares eram apoiados e oficializados pelas leis e regras jurídicas (SAMARA, 2000)

No século XIX com a Independência do Brasil em 1822, a abolição da escravatura em 1888, a Proclamação da República em 1889, o desenvolvimento urbano e o crescimento econômico do país alteraram-se os papéis sociais da sociedade brasileira. As mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho, exercendo assim, atividades remuneradas combinadas às atividades domésticas. Nesse contexto, cabia principalmente à mãe a educação e formação moral das crianças e aos pais o sustento da família e administração dos bens.

O século XX é marcado por rupturas e mudanças na instituição família, sobretudo, nos países ocidentais: “decrécimo dos casamentos, das famílias numerosas, o crescimento das concubinagens, dos divórcios, das famílias pequenas, das famílias monoparentais, recompostas e do trabalho assalariado das mulheres” (SINGLY, 2000, p.13). Ainda segundo Singly (2000), uma causa parcial para algumas das mudanças no paradigma familiar, foi a modificação da lógica familiar a partir dos anos setenta em



que a importância antes centralizada no grupo, na conjugalidade e na filiação, passa a ser dada à realização pessoal dos membros do grupo.

É importante ressaltar que embora as mudanças supracitadas causem alterações no que tange os papéis parentais, a sociedade brasileira ainda mantém resquícios de toda a nossa história familiar. De acordo com Roudinesco (2003): “A configuração ‘contemporânea’ ou ‘pós-moderna’ distingui-se das demais por incluir rupturas e recomposições conjugais, enfraquecimento da figura paterna e feminilização do corpo social”. Considerando ainda a família contemporânea como uma: “família recomposta, frágil, neurótica e consciente de sua desordem” (ROUDINESCO, 2003, p.153), conclui que:

[...] a família do futuro “precisa ser reinventada”, pois cada vez menos ocorrem padronizações ou normalização da configuração familiar, sendo cada dia mais amplas as possibilidades de arranjos familiares e de desempenho de papéis. (ROUDINESCO, 2003, p.199)

Em suma, os pais são responsáveis pela formação emocional e intelectual de seus filhos, do momento do seu nascimento até a sua maioridade, quando não, por vezes, durante a vida toda. Por meio de exemplos e ensinamentos, os pais devem manter uma relação de amizade e carinho entre si, tão necessária para o desenvolvimento humano de seus filhos.

As questões sócio-históricas abordadas ao longo deste subtópico retomaram os caminhos percorridos pela família ao longo do tempo e deram espaço às questões atuais, propiciando a discussão subsequente sobre a situação da escola meio à dinâmica familiar que nos encontramos, a contento da temática aqui debatida.

### **1.3 A escola no contexto sócio-histórico**

Após situar a família de forma sócio-histórica, faz-se necessário que também se situe a escola, tendo em vista a importância de ambas como ambiente educacional e, acima de tudo, submersas em um contexto social. Assim como afirmam Acúrcio e Andrade (2005, p.44) “toda mutação social interfere nos rumos da educação para que a escola não fique a reboque dos acontecimentos”.

Desde o início da civilização a educação esteve presente, entretanto, os conhecimentos eram transmitidos oralmente sem a necessidade de um lugar específico

para que o ato educativo ocorresse. O mesmo acontecia, de modo mais organizado, no século V A.C. retirando a responsabilidade exclusiva dos pais no que tange a educação dos filhos. Os Sofistas gregos, por sua vez, realizavam o ato educativo através da discussão de questões filosóficas e de conhecimentos, ainda sem um espaço determinado à educação.

A educação dada em um lugar específico surge somente com os romanos, ao criarem um edifício nomeando-o de escola com estrita dependência do Estado. Contudo, estes espaços privilegiavam uma minoria com elevada formação literária e apenas alguns escravos com o intuito de que adquirissem boas maneiras, hábitos de leitura e escrita.

Já no período medieval, a educação se restringia às igrejas. Monges e sacerdotes se detinham ao estudo bíblico, bem como da aritmética, geometria, escrita, música, cantos e salmos. As comunidades dos feudos, entretanto, dificilmente tinham oportunidade de se instruir. Nesse mesmo período, com o renascimento dos centros urbanos e atividades comerciais fez-se necessário que houvessem pessoas capacitadas ao trabalho, só então as instituições de ensino começaram a se abrir ao público leigo, mas com forte presença de membros da Igreja.

Na Idade Moderna, com o desenvolvimento das instituições escolares surgiu a necessidade de novas reflexões sobre como as escolas deveriam funcionar e a qual público elas se dirigiriam. A organização dos currículos, a divisão das fases do ensino e as matérias a serem estudadas começaram a ser discutidas.

Durante o século XVIII, com o movimento Iluminista e os princípios de igualdade e liberdade, a escola foi assentada como um ambiente de grande importância. Dando abertura ao século seguinte em que ocorre a expansão das instituições escolares na Europa comprometidas com um ensino que fosse acessível às diferentes parcelas da sociedade, independente da sua origem social ou econômica.

No século XIX, deu-se início a uma revolução que continuou no século XX: a escola elementar pública, gratuita e leiga dividida em três níveis: o primário em que se difundiam conhecimentos úteis de natureza social, moral e cívica; o secundário ancorado no ensino da língua e literatura do país, história e geografia e por fim, o nível universitário ou superior.

Abordando especificamente a história da escola no Brasil, esta teve início com a chegada dos padres jesuítas no País, por volta de 1549 e a conseqüente construção da primeira escola elementar brasileira, em Salvador. Seguindo os moldes europeus e o

*Ratio Studiorum* - conjunto de normas criado para regulamentar o ensino nos colégios jesuítas - os jesuítas se voltaram à pregação da fé católica e ao trabalho educativo com os índios. Ressaltando que antes da chegada dos portugueses, as tradições de cada tribo eram transmitidas pelos anciãos de maneira informal.

Em seguida, com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, deu-se início ao Período Pombalino (1760 - 1808) com o objetivo de organizar a escola para servir aos interesses do Estado. Com vistas ao objetivo supracitado, criaram-se então, as aulas régias de Latim, Grego e Retórica. Entretanto problemas de caráter administrativo fizeram com que esse período chegasse à ruína.

Com a chegada da família real em 1808, novos hábitos e costumes se inseriram no Brasil, assim como novas instituições. Surgiram então Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina e a Biblioteca Real. Só assim o Brasil foi finalmente “descoberto” e a nossa História passou a ter uma complexidade maior.

Segundo Xavier, Ribeiro & Noronha (1994), [...] com a declaração da independência do Brasil e do início do período imperial, a educação dá os primeiros passos para a criação de um sistema de ensino, se constituindo como um marco na história da educação brasileira. Durante o Período Imperial (1822 – 1888) D. Pedro I proclama a Independência do Brasil e, em 1824, outorga a primeira Constituição brasileira expressando em seu artigo 179 que a “instrução primária é gratuita para todos os cidadãos”. Até a Proclamação da República, em 1889, praticamente nada se fez de concreto pela educação brasileira. O Imperador D. Pedro II, apesar de sua afeição pessoal pela tarefa educativa, pouco fez para que se criasse, no Brasil, um sistema educacional.

No Período da Primeira República (1889 - 1929), a organização escolar é fortemente influenciada pela filosofia positivista, marcando esta década por diversas mudanças políticas, bem como a realização de reformas educacionais como as de Lourenço Filho, no Ceará, em 1923, a de Anísio Teixeira, na Bahia, em 1925, a de Francisco Campos e Mario Casassanta, em Minas, em 1927, a de Fernando de Azevedo, no Distrito Federal (atual Rio de Janeiro), em 1928 e a de Carneiro Leão, em Pernambuco, em 1928.

Durante o Período da Segunda República (1930 - 1936), com a entrada do Brasil no mundo industrial de produção e o crescente processo de urbanização, houve a necessidade de promoção de mão-de-obra especializada e para tal era preciso investir na

educação. Este cenário fez com quem a população reivindicasse pelo direito de frequentar a escola e se aumentasse a quantidade de vagas no sistema escolar.

No Período do Estado Novo (1937 - 1945) é outorgada uma nova Constituição em 1937, a orientação político-educacional para o mundo industrialista fica bem explícita em seu texto, sugerindo a preparação de um maior contingente de mão-de-obra para as novas atividades abertas pelo mercado. Neste sentido a nova Constituição enfatiza o ensino pré-vocacional e profissional.

Já durante no Período da Nova República (1946 - 1963) uma nova Constituição de cunho liberal e democrático é instituída, na área da Educação, determina a obrigatoriedade de se cumprir o ensino primário e dá competência à União para legislar sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Além disso, a nova Constituição fez voltar o preceito de que *a educação é direito de todos*, inspirada nos princípios proclamados no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, nos primeiros anos da década de 30.

De acordo com Faria Filho (1999), ao longo do século XX, a instituição escolar se fortalece como o *locus* fundamental e privilegiado de formação das novas gerações, estando diretamente relacionada a este fato a expansão da escolarização e o processo de profissionalização do magistério primário.

Durante o Período do Regime Militar (1964 - 1985), o golpe aborta todas as iniciativas de se revolucionar a educação brasileira, sob o pretexto de que as propostas eram “*comunizantes e subversivas*”. É neste período que se institui a Lei 5.692, a segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1971.

No decurso iniciado no ano de 1986, o discurso pedagógico ganha destaque e inúmeros projetos de lei se direcionam a este âmbito. À luz de suas demandas, problemas e contradições, a educação brasileira visa hoje, sobretudo, a qualidade de ensino.

Segundo Alarcão (2001):

[...] a escola precisa ser reflexiva, pensando continuamente em si própria, revendo sua função social e organizativa, buscando propiciar ambientes formativos que favoreçam o cultivo de atitudes e capacidades que permitam ao indivíduo viver, conviver e intervir em sociedade, em interação com os outros cidadãos.

Quanto ao papel atribuído à escola, este se alterou ao longo do tempo conforme explicitado durante o texto. Deixando de apenas transmitir conhecimentos acumulados e

se inserindo em um contexto social, político, econômico e cultural em que os sujeitos se constituem nas e pelas interações.

Para que se estabelecesse uma inter-relação entre família e escola, foi fundamental que se envolvesse o passado, o presente e o futuro dessas instituições, o mesmo será feito no subtópico seguinte ao que toca a legislação que circunda estes dois âmbitos.

#### **1.4 Contexto legal como pano de fundo da relação entre família e escola**

Neste momento nos voltaremos ao contexto legal superficialmente citado ao longo da contextualização sócio-histórica da família e da escola, baseado nas Constituições, no Estatuto da Criança e do Adolescente, na Política Nacional de Educação Especial, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e no Plano Nacional de Educação.

A partir das primeiras décadas do século XX a educação surge como uma das temáticas mais discutidas no cenário político e social, gerando segundo Peixoto (2000) uma mobilização geral não apenas em torno da garantia de acesso a todos e todas à escola pública, mas também a preocupação com a sua qualidade.

Dessa forma, a educação dá seus primeiros passos no âmbito legal com o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” de 1932, em que é proposto que se funde uma “instituição universal, gratuita e laica como dever do Estado”, bem como o estabelecimento de um capítulo sobre educação na Constituição brasileira de 1934.

É, portanto, através da Constituição de 1934 que se atribuiu lugares específicos a cada indivíduo: para o trabalhador, a fábrica; para a mulher, a família; para as crianças e os jovens, a escola (PINTO, 1999). Nesse sentido, a educação é definida como direito de todos, devendo ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos (art.149) com vistas a um ensino “mais ativo”, voltado para a realidade econômica e social da comunidade escolar.

Do mesmo modo, as Constituições seguintes deram continuidade às transformações legais ligadas à família e à escola. Na Constituição Federal de 1937, em seu artigo 125, aduzia-se que:

A educação integral da prole é o primeiro dever e o direito natural dos pais. O Estado não será estranho a esse dever, colaborando, de

maneira principal ou subsidiária, para facilitar a sua execução ou suprir as deficiências e lacunas da educação particular.

Em seguida, a Constituição Federal de 1946, em seu artigo 166 descrevia que: “A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana”. (BRASIL, 1946).

A Constituição Brasileira de 1988, por sua vez, aborda a questão da família em alguns artigos, como o 226 em que *A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado*, traz um novo conceito de família, sendo: reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar (§ 3º) e entendendo também como entidade familiar, a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (§ 4º). Ainda reconhecendo que: os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher (§ 5º).

O artigo 227 por sua vez, estabelece que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988)

E por fim, consolida-se no artigo 229 a obrigação dos pais e dos filhos no que se refere à vida “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade”.

O dever da família no processo de escolarização e a importância da sua presença no contexto escolar são publicamente reconhecidos na legislação nacional e nas diretrizes do Ministério da Educação aprovadas ao longo dos anos, assim como no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90), como será evidenciado em seguida.

Sendo assim, o Estatuto da Criança e do Adolescente assegura, por exemplo, em seu artigo 3º que:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o

desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Já no artigo 4º garante-se que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público de assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

No artigo 22 delimita-se aos pais [...] o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais”. Enquanto no artigo 55, “Os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino”.

Outros seguimentos legais destacaram a família e a escola como agentes essenciais ao processo de desenvolvimento das crianças, tais como a Política Nacional de Educação Especial, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e o Plano Nacional de Educação enunciados, brevemente, em seguida.

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa dos direitos humanos e da relação de equidade dentre alunos da rede pública de ensino. Buscando de forma geral, que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas.

Nesta perspectiva, o Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial apresenta a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que acompanha os avanços do conhecimento e das lutas sociais, visando constituir políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os alunos.

A Política Nacional de Educação Especial tem como objetivo na Perspectiva da Educação Inclusiva

[...] o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais [...]

A Política, nesse sentido, adota como uma de suas diretrizes gerais mecanismos que oportunizem a participação efetiva da família no desenvolvimento global do aluno. Bem como formas de conscientizar e comprometer os segmentos sociais, a comunidade escolar, a família e o próprio portador de necessidades especiais, na defesa de seus direitos e deveres.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), por sua vez, dispõe sobre todos os aspectos do sistema educacional, dos princípios gerais da educação escolar, as finalidades, recursos financeiros, formação e diretrizes para a carreira dos profissionais do setor.

Ao que toca a temática aqui abordada, a LDB logo em seu artigo primeiro define que:

A educação abrange os processos formativos da educação que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Trazendo ainda em seus incisos que

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Dessa forma, a LDB se destaca ao enfatizar a educação escolar institucionalizada, sem menosprezar a educação adquirida em outros ambientes. Afinal, tanto a educação formal quanto informal são imprescindíveis à formação dos sujeitos e está carregada de ensinamentos, aprendizagens e experiências.

O Plano Nacional de Educação, através de planos decenais estabelece suas diretrizes de atuação conforme disposto no artigo 2º do PNE 2011-2020:

- I - erradicação do analfabetismo;
- II - universalização do atendimento escolar;
- III - superação das desigualdades educacionais;
- IV - melhoria da qualidade do ensino;
- V - formação para o trabalho;
- VI - promoção da sustentabilidade sócio-ambiental;
- VII - promoção humanística, científica e tecnológica do País;
- VIII - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto;
- IX - valorização dos profissionais da educação; e



X - difusão dos princípios da equidade, do respeito à diversidade e a gestão democrática da educação.

Assim, o PNE (decênio 2011-2020) a partir de sua sétima meta “Atingir as seguintes médias nacionais para o IDEB”, conforme o quadro abaixo também define duas importantes estratégias (7.20 e 7.21) associadas à participação da família na escola:

**Quadro 1 - Atingir as seguintes médias nacionais para o IDEB**

IDEB	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Anos iniciais do ensino fundamental	4,6	4,9	5,2	5,5	5,7	6,0
Anos finais do ensino fundamental	3,9	4,4	4,7	5,0	5,2	5,5
Ensino médio	3,7	3,9	4,3	4,7	5,0	5,2

Fonte: Plano Nacional de Educação

7.20) Mobilizar as famílias e setores da sociedade civil, articulando a educação formal com experiências de educação popular e cidadã, com os propósitos de que a educação seja assumida como responsabilidade de todos e de ampliar o controle social sobre o cumprimento das políticas públicas educacionais.

7.21) Promover a articulação dos programas da área da educação, de âmbito local e nacional, com os de outras áreas como saúde, trabalho e emprego, assistência social, esporte, cultura, possibilitando a criação de uma rede de apoio integral às famílias, que as ajude a garantir melhores condições para o aprendizado dos estudantes.

Observando a crescente importância dedicada à família no contexto escolar, foi instituído oficialmente em 2001, pelo Ministério da Educação e Cultura, o “Dia Nacional da Família na Escola”, a ser comemorado no País todo dia 24 de abril. Com o lema: “Um dia para você dividir responsabilidades e somar esforços”. A iniciativa surge como estratégia de reforço à importante presença da família na escola, tratando de temas como o rendimento escolar do filho e a própria administração escolar. Trata-se assim, de um instrumento simbólico que tem a finalidade de aproximar e integrar a comunidade à escola.

À luz de todos esses dispositivos legais, é notável a preocupação do governo no que toca a educação e sua relação com a família. Pois mesmo com as distorções existentes no meandro das instituições, o papel da educação é reconhecido e evidenciado nos aparelhos governamentais com o evoluir dos tempos.

## CAPÍTULO 2

### APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO NO CONTEXTO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

Com o objetivo de avaliar a participação da família na vida escolar dos filhos, apresentam-se a seguir a família como contexto de desenvolvimento, a família e a escola como contexto de aprendizagem e o aluno como sujeito de sua aprendizagem. Revigorando o objetivo geral deste trabalho: identificar e analisar os impactos da participação da família na escola no que tange o desenvolvimento escolar da criança.

#### 2.1 A família como contexto de desenvolvimento

A concepção de desenvolvimento humano está presente em todo o ciclo vital e relaciona-se com o desenvolvimento global dos sujeitos priorizando aspectos intelectuais, físicos, motores, sociais, afetivos e emocionais. Estes por sua vez, são capazes de proporcionar capacidades como: pensamento, exercício do corpo e estabelecimento de relações.

Os seres humanos se desenvolvem de forma ininterrupta e gradativa atentos à dinâmica social, interiorizando instrumentos e signos, construindo e reconstruindo conhecimentos, estabelecendo relações e mergulhando em sua cultura. Assim, o processo de desenvolvimento não ocorre de maneira única e não advém de uma única perspectiva, fatores como a maturação biológica e o ambiente sócio-histórico se entrelaçam e promovem o desenvolvimento.

Este trabalho é inspirado nas idéias de Vygotsky quando afirma que “para se estudar o desenvolvimento das crianças, deve-se começar com um entendimento da unidade dialética entre duas linhas radicalmente diferentes: a biológica e a cultural” (VYGOTSKY, 1989). Dessa forma, algumas perspectivas ligadas à Psicologia do Desenvolvimento se diferenciam acerca do conceito de desenvolvimento e da forma como se desenvolvem as funções psicológicas, entretanto, levam sempre em conta como os conhecimentos existentes em uma sociedade são adquiridos.

A abordagem ambientalista, representada por Pavlov e Skinner considera que “todo conhecimento provém da experiência”, conforme enuncia Giusta (1985). Dessa forma, o indivíduo ao nascer é uma *tabula rasa* onde os conhecimentos vão se

imprimindo a partir das experiências fornecidas pelo ambiente. Acerca da abordagem inatista, representada por Koffka, Giusta (1985) afirma que “todo conhecimento é anterior à experiência, sendo fruto do exercício de estruturas racionais, pré-formadas pelo sujeito” considerando assim, as condições hereditárias como determinantes no processo de desenvolvimento. Quanto à abordagem interacionista-construtivista que tem como representante máximo Piaget, se baseia no pressuposto que o desenvolvimento se dá por etapas, resultando do amadurecimento do sistema nervoso da criança e do contato com o mundo físico e social. Havendo por parte do sujeito assimilação e acomodação do que está sendo aprendido.

Já a abordagem sociocultural de Vygotsky, trata o ser humano como um ser de natureza social que se desenvolve através da relação dialética que estabelece com os processos psicológicos superiores e a sociedade ao redor. Partindo do princípio que nos constituímos do interpessoal para o intrapessoal. Conceituando “desenvolvimento humano” na abordagem sociocultural, este se dá pela internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente construídas (VYGOTSKY, 1989). Explicitando que o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica na medida em que todas as funções intelectuais superiores originam-se das relações entre indivíduos.

Nessa abordagem, a linguagem é essencial ao processo de desenvolvimento por mediar a nossa transformação de seres biológicos em seres socioculturais. Destacando que é no processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e o conseqüente desenvolvimento do indivíduo.

Ribeiro (2005) reforça essa afirmação ao expressar que:

Para Vygotsky, a relação entre pensamento e linguagem é estreita. A linguagem (verbal, gestual e escrita) é nosso instrumento de relação com os outros e, por isso, é importantíssima na nossa constituição como sujeitos. Além disso, é através da linguagem que aprendemos a pensar.

Utilizando ainda a abordagem sociocultural, a família enquanto primeiro núcleo de construção de um sujeito atua de forma decisiva na educação formal e informal das crianças, estabelecendo vínculos, construindo valores, integrando a criança ao mundo adulto, mediando relações sociais e garantindo seu bem estar. Pois, conforme enuncia Szymanski (2010):

É na família que a criança encontra os primeiros “outros” e, por meio deles, aprende os modos humanos de existir – seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito. Isso se dá na e pela troca intersubjetiva carregada de emoções – o primeiro referencial para a construção da identidade pessoal.

Nesse sentido, é imprescindível que a família seja valorizada no processo de desenvolvimento humano ao contribuírem na formação da identidade social dos indivíduos desde a mais tenra idade. Sendo nesse contexto que se fundamentam questões que permeiam toda a sociedade, como respeito, solidariedade, caráter, consciência e ética.

Ainda nesse cenário, a delimitação de papéis, vínculos, lugares e funções no interior das relações a que o sujeito pertence é realizado através da família e sua trajetória. Firmando-se através das tradições, das histórias, da construção de significados, da cultura e da representação de mundo que esta instituição estabeleceu ao longo do tempo.

Criada e recriada em seu próprio interior, a família carregada de cultura também se dedica ao crescimento, atuação e desenvolvimento dos pequenos, possibilitando que a criança perceba a primeira imagem de si mesma e seus primeiros modelos de comportamento sob os pontos de vista psicológico, pedagógico e sociológico. Dessa forma, Gokhale (1980) enuncia que:

A família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem sucedida da criança vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo escolar. A família tem sido, e será, a matriz mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas.

Ao que toca o estabelecimento de vínculos e o processo de socialização da criança, ambos destacam-se dentre as formas de interação que devem ser mantidas e promovidas ao longo de todo o processo de desenvolvimento dos sujeitos. Nesse contexto, as crianças enquanto agentes interpretativos que sofrem influências do meio que as circunda, também se desenvolvem a partir da integração com o mundo adulto dando significados à suas vivências.

Seguindo os mesmos princípios, a construção de valores como ética, cidadania, solidariedade, respeito e caráter devem se embasar no diálogo e no bom exemplo. Bem como no estabelecimento de limites e regras.

Dessa forma, ao analisar o processo de desenvolvimento propiciado pela família, este visa também uma formação cidadã, no sentido de constituir ações críticas, reflexivas e participativas no seio da comunidade e da sociedade em que se inserem. Tendo em vista que permeiam a cultura, o tempo, o espaço e valorizam a história individual e coletiva dos sujeitos.

Nesse sentido, Roudinesco (2003) afirma que “a família humana é uma instituição insubstituível para a constituição de sujeitos em desenvolvimento”. Corroborando com tudo que foi dito anteriormente e destacando a importância da família enquanto unidade de ensino e aprendizagem.

No que tange o desenvolvimento intelectual das crianças, o ambiente familiar é igualmente importante em relação à escola. Entretanto, ao considerar a família como contexto de desenvolvimento, não se pode olhá-la como atuante isolada e sim, levar em consideração as demais agências sociais inseridas nesse contexto (escola, igreja e círculo de amizades).

Igualmente, o ambiente social exerce grande influência nas formas de atuação das famílias com relação a seus filhos e promoção de seu desenvolvimento, segundo Bronfenbrenner (1996), o desenvolvimento psicológico da criança é afetado:

(a) pela ação recíproca entre os ambientes mais importantes nos quais a criança circula (por exemplo, na família-creche, na família-escola, entre outros; (b) pelo que ocorre nos ambientes freqüentados pelos pais (por exemplo, no trabalho, nas organizações comunitárias, entre outros; (c) e pelas mudanças e/ou continuidades que ocorrem com o passar do tempo no ambiente em que a criança vive e que têm um efeito cumulativo.

Sendo assim, analisar as relações que permeiam o desenvolvimento infantil é imprescindível para que se entenda as relações estabelecidas nesse meio, bem como suas rupturas e continuidades. Logo, o processo de desenvolvimento da criança não se subordina às aprendizagens escolares e cabe aos pais a realização de mediações entre a criança e o mundo no processo de apropriação de conhecimento, ao passo que também desempenham o papel de educadores e promovem o desenvolvimento dos menores.

Sendo assim, os cuidados dos pais se destacam em favor do desenvolvimento integral das crianças, agindo também como mola propulsora de sua saúde mental. Entretanto, analisar o contexto familiar não é tarefa fácil, conforme explicita Jardim (2006, p.20)

Analisar a família e o relacionamento entre seus membros é uma atividade complexa, que requerer minuciosa observação, uma vez que a rede familiar está inserida num contexto sócio-histórico e sofre influências de problemas oriundos do ambiente externo, que influem direta ou indiretamente na rotina da família e transparecem na relação com os filhos, podendo assim aliviar tensões ou ampliá-las.

Nessa perspectiva, a fim de promover o desenvolvimento cognitivo e sócio-afetivo das crianças, faz-se necessário que se estabeleça uma inter-relação entre a família e a escola, levando em consideração que as crianças se desenvolvem, principalmente, por meio dessas duas instituições, seus contextos e membros. Assim como, têm responsabilidades quase que indissociáveis no que toca o processo de desenvolvimento infantil, fazendo com que qualquer problema de um dos lados afete o outro.

## **2.2 A família e a escola como contextos de aprendizagem**

A família e a escola enquanto instituições indispensáveis ao processo de aprendizagem têm como objetivo primordial o ato educativo, nesse contexto, emergem atitudes capazes de propiciar o desenvolvimento humano. Dessa forma, compartilhar, dividir e contribuir cada uma a sua maneira para que este processo se efetive com sucesso deve ser a finalidade de ambas.

Tendo como base a teoria sociocultural, a educação surge como criadora potencial de aptidões inicialmente externas aos indivíduos e presentes na cultura e no meio social. Sendo assim, é através do contato com a cultura produzida pela humanidade e das relações sociais que se estabelece a aprendizagem.

Ao relacionar desenvolvimento à aprendizagem, Vygotsky (1989, p. 101) enuncia que:

[...] o aprendizado não é desenvolvimento: entretanto o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.

A aprendizagem escolar, por sua vez, orienta e estimula processos internos e externos de desenvolvimento. De acordo com Bock *et al* (1999, p. 124 e 125):

A escola surgirá, então, como lugar privilegiado para esse desenvolvimento e/ou aprendizagem, pois é o espaço em que o contato com a cultura é feito de forma sistemática, intencional e planejada. O desenvolvimento - que só ocorre quando situações de aprendizagem o provocam - tem seu ritmo acelerado no ambiente escolar. O professor e os colegas formam um conjunto de mediadores da cultura que possibilita um grande avanço no desenvolvimento da criança.

Seguindo os aspectos abordados por Vygotsky no que tange o desenvolvimento dos sujeitos e o processo de aprendizagem, surge através de um olhar prospectivo, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal como,

[...] a distancia entre o nível de desenvolvimento real atual e o nível de desenvolvimento potencial, determinado mediante a resolução de problemas com o auxilio de adultos ou companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1989, p. 97)

Nesse contexto, a aprendizagem e o desenvolvimento são processos distintos, porém, interdependentes, sendo que a aprendizagem tem a função de despertar processos internos de desenvolvimento que ainda não se manifestaram nos indivíduos, prevendo-se que o ensino adiante o desenvolvimento.

Sendo a família responsável não só pela manutenção da vida e desenvolvimento dos indivíduos que nela estão inseridos como pelo processo educativo, esta assume papel de destaque nas trocas intersubjetivas e na construção de experiências, enfim, no desencadeamento dos processos evolutivos.

Conforme corrobora Szymanski (2010):

Embora não se trate de conhecimento sistematizado, é o resultado de uma aprendizagem social transmitida de geração em geração. Seu caráter educativo expressa-se tanto na finalidade de transmissão de saberes, hábitos, conhecimentos e em procedimentos que garantam sua aquisição e fixação, como também na constante avaliação dos membros receptores quanto ao grau de assimilação do que lhes foi transmitido.

Tratando-se de um ambiente multicultural que tem como objetivo principal propiciar o desenvolvimento através de atividades sistematizadas que articulam o

conhecimento acumulado pela sociedade em comunhão com os processos culturais e de socialização, a escola se constitui como importante *locus* de ensino-aprendizagem.

A articulação entre desenvolvimento e aprendizagem, discutida por Vygotsky não poderia deixar de valorizar a relação do sujeito que aprende com o objeto a ser apreendido, nessa abordagem aprendizagem e desenvolvimento são processos interdependentes.

No mesmo sentido, todo aprendizado é mediado ao necessitar do contato com o Outro para se efetivar e dar significação à apropriação da cultura. Dessa forma, é através da maturação do organismo, o contato com a cultura produzida e as relações sociais que o processo de aprendizagem se dá. Como destaca Bock *et al* (1999, p. 124):

[...] Em todas as atividades está o “outro”. Parceiro de todas as horas, é ele que lhe diz o nome das coisas, a forma certa de se comportar; é ele que lhe explica o mundo, que lhe responde aos “porquês”, enfim, é o seu grande interprete do mundo. A atividade externa se internaliza possibilitando desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

Logo, a família exerce papel fundamental no processo de desenvolvimento e aprendizagem humana, tendo em vista que a aprendizagem da criança se inicia antes da aprendizagem escolar. Sendo assim, as aprendizagens da criança na escola têm uma pré-história, nunca partem do zero e também nunca estão acabadas, podendo ser enriquecidas por meio da vivência e da experiência.

### **2.3 O aluno como sujeito da aprendizagem: entre a família e a escola**

Inseridos no contexto aqui debatido, três “sujeitos” emergem como essenciais ao processo dinâmico de ensino-aprendizagem, sendo eles: aluno, família e escola. Dessa forma, é indispensável que se busque uma relação harmônica entre essas esferas e suas atribuições no que toca o processo educativo.

Costa (2002) confirma esse pensamento ao afirmar que: “O conhecimento é socialmente construído a partir de espaços de troca, de reflexão, em que as realidades de cada sujeito são transformadas, colaborando para o desenvolvimento pessoal e social.” Nesse contexto, considerar o aluno como sujeito de sua aprendizagem ao ser resultado das interações que realiza com o Outro e com o meio é fundamental para que se entenda o papel da criança como agente de sua aprendizagem e participante ativo do processo de ensino-aprendizagem.



A família, por sua vez, é palco das primeiras manifestações de aprendizagem das crianças, mesmo que de maneira não sistematizada. Portanto, tais manifestações são essenciais à formação dos pequenos, tendo em vista que é nela que se iniciam as experiências educativas, sociais e históricas. Entretanto, a família não é o único contexto em que a criança tem oportunidade de experienciar e ampliar o seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento, a escola se destaca nesse cenário ao oferecer um ambiente propício ao desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos.

Dessa forma, a escola também é responsável por ações pedagógicas e sociais que transmitem saberes acumulados pela humanidade no decorrer da história e fomentam a construção de novos saberes. Suas ações propiciam o desenvolvimento dos sujeitos, sua inserção no meio social, sua qualificação para o mercado de trabalho e exercício da cidadania.

Bronfenbrenner (1993, p.16) analisa as interações estabelecidas pela criança desde a mais tenra idade, afirmando que:

O mundo exterior tem um impacto considerável desde o momento em que a criança começa a relacionar-se com pessoas, grupos e instituições, cada uma das quais lhe impõe suas perspectivas, suas recompensas e seus castigos, contribuindo, assim, para a formação de seus valores, de suas habilidades e de seus hábitos de conduta.

O processo de construção do conhecimento não é mais entendido como uma realização individual, mas como um processo de co-construção ou de construção conjunta realizado com a ajuda de outras pessoas que, no contexto escolar, são o professor e os colegas de sala de aula. Valendo-se do intento de Vygotsky, é importante que se evidencie que o processo de aprendizagem ao associar-se com o processo de educação, envolve contribuições valiosas à prática pedagógica e ao trato com o sujeito da aprendizagem.

De acordo com Vygotsky (1989)

A aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber, do conhecimento. Todo e qualquer processo de aprendizagem é ensino-aprendizagem, incluindo aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre eles.

O professor enquanto porta-voz do conteúdo escolar assume o papel de mediador do processo de aprendizagem que articula, orienta, organiza o processo de

formação dos alunos assumindo uma postura de parceiro no trabalho de elaboração do conhecimento, com vistas ao respeito às singularidades e ritmo dos alunos, em constante aprendizagem.

Mello (2004, p. 140) a partir da teoria histórico-cultural, destaca que a partir dela

[...] aprendemos que o papel da educação é garantir a criação de aptidões que são inicialmente externas aos indivíduos e que estão dadas como possibilidades nos objetos materiais e intelectuais da cultura. Para garantir a criação de aptidões nas novas gerações, é necessário que as condições de vida e educação possibilitem o acesso dos indivíduos das novas gerações à cultura historicamente acumulada.

Tendo em vista que à educação cabe cada vez mais a transmissão de saberes, com vistas ao futuro, Delors *et al* (1998) apresenta os quatro pilares da Educação baseado no Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI para a UNESCO, em que a educação deve organizar-se para favorecer o conhecimento ao *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*.

Entretanto, é impossível compreender como os alunos aprendem se não se leva em conta, como os professores formulam e geram o ensino. Reafirmando o que foi dito, Coll, Marchesi, Palacios & Cols (2004, p. 39) expõem que:

De fato, as informações sobre como os alunos constroem significados e atribuem sentido aos conteúdos escolares precisam ser completados, nessa perspectiva, com informações precisas sobre como os professores conseguem ajudar os alunos, mediante sua atividade educacional e de ensino, no processo de construção que realizam.

Este capítulo encerra o referencial teórico e dá espaço à parte metodologia, ressaltando os pressupostos de Vygotsky e Szymanski ao relacionar a família e a escola como espaços onde aprendizagens são construídas na relação com o outro desde que nascemos.

## OBJETIVOS

Com vistas a analisar a participação das famílias na vida escolar dos filhos em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental esta pesquisa teve como **objetivo geral**:

- Identificar e analisar os impactos da participação da família na escola no que tange o desenvolvimento escolar da criança.

A partir desta questão, foram traçados alguns **objetivos específicos**:

- Identificar o posicionamento dos pais em relação à escola e aos processos de aprendizagem dos filhos.
- Caracterizar como se constitui a participação da família na escola.
- Pontuar os modos e contextos de participação da família no cenário escolar.
- Investigar a importância da professora da turma e da Orientadora Educacional na criação de vínculos escola-família.

## **CAPÍTULO 3**

### **METODOLOGIA**

Frente à reflexão acerca da participação da família na vida escolar dos filhos, este capítulo apresenta uma investigação de cunho qualitativo com o objetivo de detalhar como ocorre a participação efetiva dos pais de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental.

Levando-se em consideração que pais e educadores são responsáveis pela formação social, cultural, afetiva, expressiva e cognitiva das crianças é importante reconhecer os papéis e as ações assumidos por cada um. Nessa perspectiva, Vygotsky (1989) compreende o desenvolvimento como um processo dialético em que “através das interações estabelecidas com parceiros, que cada pessoa (adulto ou criança) desempenha papel ativo”. Assim, nos constituímos a partir das relações que estabelecemos com o outro e as trocas subjetivas que realizamos.

Nesse sentido, busca-se aqui analisar de que forma se dá a participação dos pais na referida instituição; como a escola atrai a atenção dos pais; o papel dos agentes educacionais na criação de vínculos e as conseqüências da participação da família no ato educativo. Para que esse objetivo se cumpra, foram realizadas entrevistas com a Orientadora Educacional e a Professora da escola, questionários com os seis pais mais participativos da turma e entrevista coletiva com seus filhos.

#### **3.1 Contexto da pesquisa: escola e turma**

De acordo com Gonzalez Rey (2005, p.81), considera-se campo de pesquisa, o cenário social em que tem lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele. Dessa forma, é no âmbito escolar que se desenvolve a pesquisa aqui realizada.

A escolha desse contexto para a pesquisa empírica ocorreu devido ao estágio supervisionado realizado nessa instituição no primeiro semestre de 2011, a receptividade da escola em relação às atividades por mim realizadas e o contato prévio com a turma. É importante destacar que ao longo do estágio supervisionado foram realizados registros sistematizados da rotina escolar da turma de terceiro ano, incluindo

reflexões sobre demandas e questões envolvidas nos processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Por ter sido um momento de imersão no contexto escolar, o estágio mostrou-se fundamental na elaboração da problematização de pesquisa como na continuidade da minha inserção no segundo semestre, então como pesquisadora.

A escola pertence à rede pública de educação que atende do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. Está situada na Quadra 15 de Sobradinho, Região Administrativa do Distrito Federal e acolhe alunos das quadras vizinhas e condomínios. Os 396 alunos estão divididos em oito turmas no período matutino (187 alunos) e oito turmas no período vespertino (209 alunos). Sendo esta escola considerada inclusiva, os alunos recebem atendimento especial de uma Pedagoga na Sala de Recursos onde trabalhos específicos são realizados com cada criança e de acordo com suas necessidades.

A pesquisa teve como foco a turma do 3º ano do ensino fundamental em que o estágio foi realizado no semestre anterior. A turma tem 24 alunos, sendo que 14 são do sexo feminino e dez são do sexo masculino com idades entre sete e nove anos. É relativamente heterogênea, um aluno é repetente e dois foram diagnosticados com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), entretanto a turma apresenta um rendimento satisfatório à série.

A respeito do comportamento dos alunos pertencentes à turma, de maneira geral se relacionam muito bem, respeitando as diferenças e os colegas com déficits. Em relação ao desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes, pode-se dizer que são interessados e participativos, porém notam-se dificuldades em determinadas matérias, principalmente na matemática.

### **3.2 Sujeitos**

Foram sujeitos dos procedimentos empíricos a Orientadora Educacional, a professora regente da turma de terceiro ano, seis crianças e seus pais/mãe. A caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa é uma importante ferramenta no desdobramento da pesquisa. Para tanto, serão tomados como fontes de informações os procedimentos e instrumentos de pesquisa e os relatos sistematizados de observação realizados ao longo do estágio supervisionado. É importante enfatizar que os sujeitos da pesquisa foram escolhidos devido à ativa e constante mediação que realizam entre família e escola no espaço analisado.

### *3.2.1 Orientadora Educacional*

As informações sobre a Orientadora Educacional foram construídas com base no quadro de informações sociodemográficas (anexo 4).

Nascida e criada em Brasília, a Orientadora Educacional da instituição é casada e tem três filhos. Tem 42 anos de idade, formou-se em Pedagogia com dupla habilitação em Orientação Educacional e Administração, em 1990 e concluiu sua pós-graduação em Psicopedagogia ano passado. Atuando como profissional na Educação há 17 anos, desempenhou atividades docentes durante quatro anos, fora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEE-DF) e está há 14 anos na SEE-DF, como Orientadora Educacional.

Quanto às gratificações no trabalho pedagógico com famílias, ela destaca o sucesso da criança quando a família segue as orientações do Serviço de Orientação Educacional (SOE). Por outro lado, trazer a família para a escola, fazer com que a família cuide dos aspectos escolares e pedagógicos das crianças e atendam aos encaminhamentos feitos pelo SOE são os principais desafios do trabalho pedagógico com famílias.

### *3.2.2 Professora regente*

As informações sobre a Professora regente também foram construídas com base nas informações sociodemográficas (anexo 4).

Nascida e criada em Brasília, a professora regente é casada e têm 33 anos de idade. Formada em Português-Espanhol pelo Centro Universitário de Brasília (UniCeub), em 2003 e, com especialização em linguagens e suas tecnologias pela UnB, realizada em 2008. Atuando como profissional na Educação há 14 anos pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal exerceu durante sete anos cargos fora da sala de aula, como vice-diretora e coordenadora. Os outros sete anos foram realizados dentro da sala de aula, como professora.

Ao que toca a temática aqui abordada – participação da família na vida escolar dos filhos – a professora considera a participação e o reconhecimento como as principais gratificações no trabalho pedagógico com famílias, entretanto o principal desafio desse trabalho é justamente envolver a família na educação dos filhos.

### 3.2.3 Pais e mães:

Seis famílias consideradas participativas na opinião da professora e da Orientadora Educacional foram convidadas a participar da pesquisa, respondendo ao questionário (anexo 7) e compondo sua caracterização.

**Quadro 2 – Famílias participantes do estudo**

Pai/Mãe	Idade	Número de filhos convivendo no mesmo lar
Mãe 1	40 anos	4 filhos
Mãe 2	34 anos	3 filhos
Mãe 3	S/I*	3 filhos
Pai 4	34 anos	2 filhos
Mãe 5	43 anos	3 filhos
Mãe 6	38 anos	2 filhos

\* S/I: Sem Informação.

Responderam aos questionários cinco mães e um pai. A idade média desse grupo de sujeitos foi de 37,8 anos variando entre 34 e 43 anos de idade. Quanto à quantidade de filhos, têm em média de 2,8 filhos variando entre dois e quatro filhos. Todos residem em Sobradinho, no Distrito Federal.

### 3.2.4 Crianças

As crianças participantes da pesquisa foram selecionadas a partir da indicação de suas famílias como os pais mais participativos da turma segundo a professora e a orientadora. A caracterização desse grupo de sujeitos foi realizada por meio dos questionários dos pais e do roteiro da entrevista coletiva (anexo 8). Algumas informações foram complementadas pelos registros das observações e dos diálogos com professora e crianças realizadas ao longo do estágio e organizadas no relatório de estágio.

**Quadro 3 – Crianças participantes do estudo**

Criança	Há quanto tempo estuda na escola	Com quem mora	Quem cuida
1	3 anos	Os pais e três irmãos	Mãe
2	3 anos	A mãe e os dois irmãos	Mãe
3	3 anos	A mãe e uma irmã	Mãe
4	1 ano	Os pais, a irmã e a prima	Os pais e a prima
5	2 anos	Os pais e dois irmãos	Os pais
6	1 ano	Os pais e um irmão	Os pais

Todos os sujeitos participantes do estudo empírico apresentaram algumas características em comum, especialmente ao levarmos em consideração as informações geradas a partir da entrevista realizada com a professora regente. Entre essas características em comum, destacamos: realização do dever de casa, bom relacionamento e respeito aos colegas, cumprimento aos combinados na sala de aula, assiduidade e pontualidade. Entretanto, três crianças apresentam algumas especificidades importantes de serem mencionadas para efeitos de análise.

Com relação às características particulares de cada criança, a professora sinaliza: Criança 1 necessita de mais interesse e dedicação nas atividades realizadas em sala, demorando a concluir as atividades devido à conversa em demasia; Criança 4 necessita melhorar a caligrafia e Criança 6 diagnosticada com (TDAH) demonstra imaturidade, chora facilmente, é agitada e desatenta.

### **3.3 Procedimentos e instrumentos**

Em um primeiro momento, realizou-se uma visita à instituição para apresentação da pesquisa e seus procedimentos éticos (anexo 1). Em seguida foi apresentado e assinado o termo de consentimento livre e esclarecido pela Orientadora Educacional e pela Professora (anexo 2) e o termo de consentimento para menor de idade (anexo 3) pelos pais.

O primeiro procedimento empírico realizado foi a entrevista individual com a orientadora educacional da instituição. Em seguida, realizou-se outra entrevista individual, desta vez com a professora regente da turma de 3º ano. Logo depois foi aplicado um questionário com os pais mais participativos da turma e por último, uma entrevista coletiva com seus respectivos filhos.

Quanto à elaboração dos instrumentos utilizados na pesquisa (entrevista, questionários e entrevista coletiva), todos tiveram como eixos de organização e análise cinco dimensões: escola, turma, professora, criança e aprendizagem que privilegiaram os posicionamentos subjetivos dos sujeitos entrevistados.

Partindo das entrevistas realizadas com a Orientadora Educacional e a Professora regente do 3º ano, estas foram agendadas previamente e realizadas na própria instituição, sendo feitas de forma individual e gravadas em áudio. A entrevista foi um procedimento escolhido em função das suas capacidades em obter informações de profissionais da educação e suas formas de interação. De acordo com Gil (1994, p. 113):



Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto uma forma de interação social. Mais especialmente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Em seguida realizou-se um questionário (anexo 7) com os seis pais do 3º ano, considerados participativos durante a entrevista da Orientadora Educacional e da Professora. Tendo estabelecido um contato prévio com essas famílias durante a Reunião de Pais no 3º bimestre, os questionários foram enviados pelos próprios filhos e recebidos pela professora. Segundo Gil (1994, p. 24):

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Dessa forma, a construção dos questionários consistiu-se basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa por meio de perguntas abertas que permitissem aos participantes autonomia nas respostas. Entretanto, as Mães 1 e 6 tiveram dificuldade para responder ao questionário, deixando de responder questões dissertativas e respondendo incorretamente as questões um e dois (ver anexo 7). Dessa forma, nos resultados, só foram consideradas as questões respondidas.

Por fim, os filhos dos seis pais mais participativos da turma constituíram um grupo de entrevista coletiva em que se privilegiou a fala livre dos participantes e foram exploradas experiências vividas no que se refere à participação da família em sua vida escolar. A entrevista coletiva foi realizada na ludoteca da escola durante o recreio, gravado em áudio e posteriormente transcrito. A fala livre das crianças nesse instrumento proporciona um ambiente agradável à pesquisa. É importante destacar que, em função das especificidades das interações no momento desenvolvimental em que as crianças se encontram, foi comum observar momentos em que as crianças repetem as respostas umas das outras.

## CAPÍTULO 4

### RESULTADOS E ANÁLISE

Com a intenção de alcançar os objetivos da pesquisa, apresentam-se aqui os resultados e análises dos instrumentos na ordem em que foram realizados. Nesse sentido, cinco dimensões temáticas foram construídas para que se delimitasse a análise e se captasse as percepções individuais e coletivas com relação às dimensões descritas a seguir.

**Escola**, sobre as expectativas com relação à participação da família; **turma**, a respeito das necessidades e expectativas com relação ao envolvimento da família; **professora**, tratando da relação da professora com a família, como a professora estabelece essas relações, quais as características de uma situação ideal e como de fato se dá essa relação; **criança**, com o objetivo de caracterizar o papel da família no desenvolvimento do filho, o que seria uma família comprometida e quais as necessidades da criança com relação à família e **aprendizagem** com relação às expectativas sobre a atuação da família na aprendizagem escolar de seus filhos.

#### 4.1 Entrevista com a Orientadora Educacional

*A criança não tem o sucesso escolar devido à falta de acompanhamento familiar. Afinal, escola não dá conta de tudo, as turmas são cheias e heterogêneas, cada um tem seu desenvolvimento, cada um tem seu insight, cada um tem o seu momento e a gente precisa respeitar esses momentos.*  
Orientadora Educacional

No que se refere à dimensão **escola** segundo a Orientadora Educacional, a participação dos pais nesse âmbito é boa, em decorrência da fase escolar que a escola atende. O conceito de participação efetiva se refere ao acompanhamento dos pais no trabalho escolar em geral, e sua vinda à escola quando são convocados, seja pela equipe pedagógica (Orientadora Educacional, Pedagoga e Psicóloga), pela direção ou pelos professores. Entretanto, ela espera que essa participação vá além do que foi dito, é necessário que a família cuide da questão pedagógica da criança, atentando para a dinâmica diária dos seus filhos.

Quanto às formas de participação da família na escola, ela destaca o momento em que os pais levam e buscam seus filhos na escola, entretanto, faz uma crítica a essa prática, quando atrapalha a dinâmica da aula, por exemplo, atrasando seu início ou antecipando seu fim, o que interfere com o planejamento da professora.

Quanto às principais dificuldades na construção de uma relação da escola com a família, a orientadora destaca a falta de conscientização de alguns pais no que se refere à importância do compromisso estabelecido entre família e escola: “eles acham que não têm compromisso, que a escola tem que educar, a escola tem que cuidar, aliás, fazer a parte deles também. E não é por aí.”

A criação de vínculos, nesse contexto, é uma importante maneira para articular e estabelecer diálogos. Nesse sentido, ela considera sua relação excelente ao tentar conscientizar os pais acerca da importância da participação deles no cenário escolar e proporcionar meios para que essa participação se efetive, como oficinas e reuniões. Nesse momento, é mencionado que ela não recebe reclamações por parte das famílias no que toca a escola e que a inserção dos pais no trabalho educativo é uma forma de melhorar as ações realizadas na escola. Defendendo, também, que o acompanhamento pedagógico dos pais durante o ano inteiro propicia o sucesso escolar dos filhos.

No que se refere à dimensão **turma**, diz que não há participação da família nesse contexto. Entretanto, ela espera que ao longo da dinâmica escolar e dos momentos de interação em sala de aula haja maior envolvimento entre os responsáveis.

Quanto à dimensão **professora**, a orientadora educacional afirma que a responsável pela turma espera que os pais acompanhem o que está sendo feito em sala de aula e circunde a questão pedagógica. Entretanto, destaca que atualmente o envolvimento entre professora e família se dá de modo mais restrito a uma comunicação rápida na entrada e na saída das aulas e nas reuniões bimestrais.

Em relação ao trabalho da professora regente com as famílias, considera muito bom, pela disponibilidade da professora em atender aos pais em outros horários. No que tange a reunião dos pais, o principal problema é a ausência dos pais das crianças que mais precisam de acompanhamento escolar e familiar. Os que vêm à escola são beneficiados pela orientação e direcionamento de estratégias no lar, assim como pelo estabelecimento de vínculos.

Na dimensão que se refere à **criança**, por sua vez, a orientadora educacional espera que a participação dos pais na escola e no trabalho escolar seja cada vez maior, principalmente com aquelas crianças que apresentam problemas de comportamento e

aprendizagem: “os pais que reclamam de seus filhos são, em geral, aqueles que apresentam problemas de comportamento e/ou aprendizagem”.

A dimensão **aprendizagem** articula o acompanhamento da família com o sucesso escolar das crianças: “se o pai acompanha no dever de casa, na agenda, nas tarefas, na leitura, os professores mandam muito livrinho de leitura e tudo... você vê que a criança deslança”. O envolvimento dos pais com os agentes educativos também influencia no processo de aprendizagem dos filhos, tendo em vista a disponibilidades de todos a orientar e desenvolver estratégias no lar que culminem o desenvolvimento dos pequenos.

#### 4.2 Entrevista com a professora regente

*As famílias parecem que estão deixando mais a cargo da escola, 'a educação é da escola, não me importo muito e minha parte é dar comida, dar roupa'.*  
Professora

Ao que se refere à dimensão **escola**, a professora espera que os pais participem e se envolvam mais com as próprias crianças e sua educação. Nesse sentido, participação efetiva é o real acompanhamento dos pais ajudando os filhos, olhando o dever de casa, vendo o que a escola está fazendo e porque está chamando os familiares.

Os pais geralmente são chamados à escola quando os alunos estão com problemas de comportamento, apresentando alguma dificuldade ou ainda, quando estavam “ruins” e melhoraram. Entretanto, nem todos comparecem, comprometendo o bom desenvolvimento das crianças, dessa forma, a principal dificuldade nesse processo é envolver os pais, trazê-los para a escola.

Nota-se aqui, a ausência de estratégias em que a criança seja a mediadora ativa no processo de conquista dos pais no cenário escolar, evidenciado pela participação de alguns pais somente quando sua presença é cobrada: “é a diferença desse ano, eu posso marcar reunião no sábado que não vem, posso marcar no dia de semana e não vem, posso marcar a noite e não vêm, às vezes, nem justificativa dão”.

Entretanto, existem aquelas famílias que vêem a importância do que é feito na escola e assim, participam das atividades realizadas nesse âmbito: “se a família percebe a importância disso, se ela se abre para isso, fica mais fácil e você vê que quando a família ajuda, as crianças se desenvolvem muito melhor”.

Quanto à dimensão **turma**, a maioria dos alunos estuda junto desde os anos anteriores. Moram próximos uns dos outros. Alguns pais estabeleceram vínculos de amizade durante esses anos. Porém, não há uma participação direta das famílias na dinâmica da turma.

Na dimensão **professora** a entrevistada referencia a necessidade dos pais se envolverem e se interessarem pelo que está sendo trabalhado em sala. Por meio da criação de vínculos, a professora convida os familiares a virem à escola sempre que necessário e se mostra à disposição: “quando um pai não pode vir à reunião, eu tenho outros horários, falo os horários que eu posso atender”.

No que tange a dimensão **criança**, espera-se que os pais auxiliem seus filhos nas tarefas enviadas para casa e acompanhem sua vida escolar, além de virem às reuniões. Na turma específica deste ano, há alguns pais “super participativos” e outros que não se importam muito, os deveres nunca são feitos, a agenda nunca é assinada e o material nunca está completo.

Na dimensão **aprendizagem**, é imprescindível que os pais saibam o que está sendo trabalhado para que assim possam ajudar os filhos nos estudos. Neste ano, as famílias participativas estão sempre perguntando sobre a aprendizagem dos filhos: “Falam ‘eu senti que ele tá com dificuldade, vai ter reforço? Quando é que vai ter? Como eu posso ajudar? Como é que ele está em sala?’”.

Dessa forma, se os pais se importam, se envolvem mais, os alunos tendem a se importar mais também com os estudos. Segundo a professora, “a família já é meio caminho andado, se a família ajuda, se ela se importa, se ela vai atrás”.

#### 4.3 Questionários com as famílias

*A relação família e escola é muito importante para o desenvolvimento da criança, principalmente se esta criança tem dificuldades de aprendizagem, porque ajuda no desenvolvimento, auto-estima e valorização. Estou tendo resultados satisfatórios com relação à minha criança, pois conto com a ajuda da professora e familiares. Estou mais feliz com o resultado.*

Mãe 6

De uma forma geral, a primeira e a segunda questão exploraram por meio de palavras-chave o posicionamento dos pais com relação aos próprios filhos e sua relação com os agentes educativos. Fazendo assim, menção às dimensões **turma** e **professora**.

Na primeira questão perguntou-se sobre o desenvolvimento das crianças com relação à aprendizagem, dever de casa, comportamento, relação com colegas e relação

com a professora. Na segunda questão, as relações dos pais com sua criança do 3º ano, com a professora, com a orientadora educacional e com os pais dos outros alunos da turma foram investigadas. Nesse sentido, as respostas foram organizadas nos dois quadros abaixo:

**Quadro 4 - Perspectiva da família quanto ao desenvolvimento dos filhos na escola**

	Aprendizagem	Dever de casa	Comportamento	Relação com colegas	Relação com a professora
Mãe 1	Bom	Bom	Não respondeu	Bom	
Mãe 2	Bom Ótimo Qualidade	Auxilio Aprender Compromisso	Estudioso Amigável Sapeca	Amigo Companheiro Sincero	Bom Amigável Responsável
Mãe 3	Ótimo Parabéns	Empenhada	Satisfatório	Satisfatório	Ótimo
Pai 4	Muito bom	Ajuda bastante	Bom Às vezes participa da bagunça da turma	Muito bom Faz amigos	Muito bom
Mãe 5	Ótimo Muito bom	Bom Participativo	Ótimo Bom	Bom Ótimo	Ótimo Carinhoso
Mãe 6	Não respondeu adequadamente				

**Análise:**

De forma geral, os pais apresentam disposição positiva em relação ao filho quanto à aprendizagem e ao comportamento. Em relação ao dever de casa, houve duplo entendimento: as Mães 1, 3 e 5 responderam de acordo com o intento da questão – avaliar o desenvolvimento dos filhos – enquanto a Mãe 2 e o Pai 4 parecem ter avaliado a intencionalidade do dever de casa. Das relações tanto com os colegas como com a professora, os pais percebem os filhos sociáveis, amigáveis e que estabelecem bons relacionamentos. Destaca-se a Mãe 3 que considera satisfatória a relação com os colegas e o seu próprio comportamento, mas quanto à professora, a relação é considerada ótima.

**Quadro 5 - Relação da família com...**

	A sua criança do 3º Ano	A Professora	A Orientadora	Os pais dos colegas de sua criança
Mãe 1	Bom	Não respondeu		
Mãe 2	Ótima Ajudo em tudo que necessário	Amiga Dedicada Fiel	Prestativa Amiga Legal	Dedicados Companheiro Amigo
Mãe 3	Boa	Boa	Boa	Boa
Pai 4	Excelente, sempre conversamos a respeito das responsabilidades e de como devemos ser honestos, humildes e respeitar as mulheres	Sempre pergunto como está o meu filho na sala	Não tenho contato	Não conheço
Mãe 5	Boa Carinhosa	Ótima Excelente	Regular	Sem contato
Mãe 6	Não respondeu adequadamente			

**Análise:**

As famílias que responderam à essa questão evidenciaram a boa relação que têm com seus filhos, com a Professora e a Orientadora Educacional. O Pai 4 em especial, demonstra uma proximidade significativa com o filho e com a Professora, embora revele não ter contato com a Orientadora, indicando que sua participação gira em torno da vivência do aluno referente à sala de aula. Parecendo não existir uma vivência maior em outras instâncias escolares. De forma geral, parece haver pouco contato entre os pais da turma. Destaca-se a Mãe 2 que não respondeu adequadamente as categorias Professora, Orientadora e Pais dos colegas, pois caracterizou esses sujeitos ao invés de especificar a sua relação com os mesmos.

Os quadros 6 a 10 se referem à dimensão **escola**, traçando os modos de auxílio da família com relação ao trabalho escolar, como se dá a participação da família no cenário escolar, os momentos de inserção da família na escola, as principais dificuldades na construção de uma relação da família com a escola e a relação ideal entre família e escola.

**Quadro 6 - Modos de auxílio da família com relação ao trabalho escolar**

Sujeito	Verbalização
Mãe 2	Lendo livros, ensinando como somar, subtrair, multiplicar, dividir, procurando auxiliar sempre que necessário.
Mãe 3	Auxílio separando um tempo para resolver suas atividades, sempre acompanho e incentivo para que ela tenha um futuro melhor.
Pai 4	Ajudo com palavras, mas nunca escrevo nada para ele.
Mãe 5	Com orientações escolares.

**Análise:**

O sucesso escolar das crianças pode resultar do interesse dos pais em subsidiá-las no trabalho escolar e na realização das atividades, dessa forma, deve-se continuar em casa o ato educativo iniciado na escola. Analisando as respostas dos questionários, o auxílio ao trabalho escolar é dado pelos pais que responderam às questões de forma válida, seja através da leitura de livros ou explicações. Há também incentivo aos filhos e fomento da autonomia das crianças ao não fazer o dever por elas.

É interessante destacar o discurso da Mãe 3 que sinaliza o sucesso escolar como possibilidade de futuro. Dois conjuntos de respostas exemplificam a questão, conforme apresentadas nos dois quadros a seguir:

**Quadro 7 - Como se dá a participação da família no cenário escolar**

Sujeito	Verbalização
Mãe 2	Dedicação em tempo integral.
Mãe 3	Levo minha filha todos os dias, participo de todas as reuniões e compareço na escola sempre que sou solicitada.
Pai 4	Sou falho, preciso melhorar.
Mãe 5	Presente, sempre que necessário.

**Quadro 8 - Momentos de inserção da família na escola**

Sujeito	Verbalização
Mãe 1	Sempre apareço na escola quando sou chamada para conversar sobre minha filha ou quando a professora manda bilhete.
Mãe 2	Nas reuniões eu sempre compareço. É muito importante saber como anda a vida escolar da minha criança.
Mãe 3	Nas reuniões e quando minha filha não se sente bem, problema de saúde. Sempre compareço, pois não trabalho fora e posso estar sempre presente.
Pai 4	Nas reunião de pais eu sempre compareço. Quando não posso ir, minha esposa vai.
Mãe 5	Em reunião escolar. Costumo aparecer porque é muito importante acompanhar o desenvolvimento escolar do meu filho.

**Análise:**

Nas quadros 7 e 8 evidenciam-se as diferentes formas de participação dos pais no cenário escolar, há aqueles que vão à escola diariamente, outros só quando são convocados e outros que vão sempre que precisam se inteirar dos aspectos pedagógicos dos filhos. Por meio do questionário, é notável a participação dos pais, entretanto, na quadro 7 o Pai 4 julga ainda ter que melhorar sua participação. Já na quadro 8 fica evidente a participação dos pais nas reuniões, surgindo também a presença dos pais quando os filhos apresentam algum problema de saúde. Em geral, justificando sua presença pela disponibilidade e interesse pelo desenvolvimento do filho.



**Quadro 9 - Principais dificuldades na construção de uma relação da família com a escola**

Sujeito	Verbalização
Mãe 2	No meu caso, não tenho dificuldade. Procuo ter uma relação transparente com a escola, a professora e demais profissionais da escola.
Mãe 3	O não comparecimento dos pais por falta de tempo, ou por achar que isso não tem importância.
Pai 4	Devido ao tempo ser curto, o trabalho não nos dá trégua.
Mãe 5	Morar longe da escola.

**Análise:**

A necessidade de se construir uma relação entre escola e família deve ser para planejar, estabelecer compromissos e acordos mínimos para que o educando/filho tenha uma educação com qualidade tanto em casa quanto na escola mesmo em meio às dificuldades. Dessa forma, os pais citam como fatores que dificultam a relação família-escola a falta de tempo de alguns pais, a falta de conscientização da importância dessa relação e a distância entre a casa da criança e a escola, em especial da família 5.

**Quadro 10 - Relação ideal entre família e escola**

Sujeito	Verbalização
Mãe 2	Dedicação e proximidade de ambas as partes.
Mãe 3	Para mim, está tudo certo em relação à essa escola. Conheço professores, funcionários e alguns pais me relacionando muito bem como todos. Quando tenho algum problema sou bem recebida e compreendida.
Pai 4	Os pais devem ser amigos do professor e diretor, assim podemos ajudar nosso filho a ser um aluno melhor.
Mãe 5	Amigável.

**Análise:**

Sabendo-se que às vezes a relação existente entre família e escola não é a ideal, é importante que se analise a opinião dos pais a respeito de como deveria ser essa relação. Tendo em vista as respostas, o contexto de amizade predomina como modo de relação ideal. Outro importante contexto é de dedicação em que tanto escola como família trabalham de forma cooperativa.

Os quadros 11 a 13 foram analisados em conjunto e se referem às dimensões **criança** e **aprendizagem**, relatando situações de aprendizagem escolar com participação dos pais, a importância da família para o desenvolvimento da criança e de seu sucesso escolar e os motivos que levam a família a se comprometer com a vida escolar dos filhos e as conseqüências mais visíveis para a criança como resultado dessa participação

**Quadro 11 - Situações de aprendizagem escolar com participação dos pais**

Sujeito	Verbalização
Mãe 2	Quando ele precisou fazer uma maquete e se sentiu perdido eu expliquei, ajudei e quando tudo estava pronto ele me agradeceu com os olhos brilhando. Foi ótimo!
Mãe 3	Concordei com a sugestão da professora em acompanhar minha filha até a escola para realizar atividades extras.
Pai 4	Não houve.
Mãe 5	Muito bom.

**Análise:**

A participação dos pais é imprescindível à aprendizagem escolar de seus filhos, seja por meio de intervenções diretas ou possibilitando formas de aprendizado. Através das respostas do questionário, três mães já participaram de forma decisiva em situações de aprendizagem dos filhos contribuindo para seu êxito. A Mãe 2 auxiliou diretamente seu filho na elaboração de uma maquete se alegrando com o resultado, a Mãe 3 possibilitou um momento de atividades extras na escola para sua filha e a Mãe 5, que embora não tenha contado a situação demonstrou o quão positiva foi sua ação.

**Quadro 12 - A importância da família para o desenvolvimento da criança e de seu sucesso escolar**

Sujeito	Verbalização
Mãe 2	Fundamental, digamos que formamos uma corrente positiva, um ajudando o outro para juntos, formarmos pessoas do bem.
Mãe 3	Primeiramente educação, que deve vir de casa. Segundo, incentivo, acompanhamento e interesse dos pais.
Pai 4	Muito importante, com o apoio do pai, da mãe e dos irmãos a criança se sente segura.
Mãe 5	Colaborar com o bom desenvolvimento da criança na escola.

**Análise:**

A família enquanto primeiro contexto de vivência da criança é responsável pelo processo de desenvolvimento e pela formação inicial dos sujeitos. Quanto ao sucesso escolar, a família e a escola se relacionam de maneira complementar na tentativa de alcançar o melhor futuro para o filho e educando e, conseqüentemente, para toda a sociedade. Com base nas respostas dos questionários a essa questão, a família colabora no bom desenvolvimento das crianças, devendo incentivar, se interessar, acompanhar e passar segurança aos filhos, formando juntamente com a escola, pessoas de bem.

**Quadro 13 - Motivos que levam a família a se comprometer com a vida escolar dos filhos e as conseqüências mais visíveis para a criança dessa participação**

Sujeito	Verbalização
Mãe 2	Saber que em um futuro muito próximo as nossas crianças serão adultos felizes, realizados. E as conseqüências mais visíveis é a alegria.
Mãe 3	O pensamento e o querer de um futuro melhor para seu filho e para que ele seja um cidadão do bem. As crianças se sentem amadas, protegidas e tem um maior respeito e responsabilidade desde cedo.
Pai 4	O apoio é fundamental para a criança. Devemos demonstrar interesse e parabenizar por cada passo em que ele aprende, por cada nota boa que ele tira em prova devemos abraçá-lo e dizer que o amamos e nos orgulhamos dele.
Mãe 5	É querer o melhor para seu filho. As conseqüências mais visíveis são alegria e carinho para fazer as atividades escolares.
Mãe 6	Em minha opinião a relação família e escola é muito importante para o desenvolvimento da criança, principalmente se esta criança tem dificuldades de aprendizagem, porque ajuda no desenvolvimento, auto-estima e valorização. Estou tendo resultados satisfatórios com relação à minha criança, pois conto com a ajuda da professora e familiares. Estou mais feliz com o resultado.

#### **Análise:**

A participação da família no cenário escolar para atendimento das demandas educacionais e orientações sobre o processo de ensino-aprendizagem é imprescindível ao desenvolvimento infantil. Entretanto, essa participação só ocorre, de fato, se os pais tiverem consciência da importância desse comprometimento, conforme visto nas respostas dos questionários. Nessa questão, o sentido de “futuro melhor” aos filhos emerge fortemente, assim como, de apoio, valorização e auto-estima.

#### **4.4 Entrevista coletiva com crianças**

A dimensão **escola** é referida nos quadros 14 a 17 analisando o que as crianças gostam e não gostam na escola, situações em que os pais vêm à escola, como é a relação com a Orientadora Educacional, o que acham do dever de casa, quem auxilia e o que acontece quando não é feito.

**Quadro 14 – A criança e a escola**

Sujeito	Gosta de vir/de estar/na escola	O que mais gosta na escola	O que menos gosta na escola
Criança 1	Gosto	De brincar	De fazer dever
Criança 2	Gosto	De brincar	De estudar
Criança 3	Gosto	De brincar	De escrever
Criança 4	Gosto	De jogar futebol	Quando eu tô com fome e ainda não é hora do lanche
Criança 5	Gosto	De ver vídeo	De fazer dever
Criança 6	Gosto	Da aula de informática	De fazer dever

**Análise:**

Das seis crianças participantes, seis afirmaram gostar de vir/estar na escola. Sendo que três apreciam as brincadeiras, uma jogar futebol, outra ver vídeos e a última, as aulas de informática. Entretanto, cinco delas não gostam das principais atividades desenvolvidas em sala: fazer dever, estudar e escrever. Apenas uma criança diz não gostar de quando está com fome e ainda não é a hora do lanche. Os resultados desta questão dão destaque para a importância das interações, da brincadeira e das atividades que envolvem participação ativa tanto social, afetiva e imaginativa. Sugerem também que, na perspectiva das crianças, o trabalho escolar em si não é interessante ou estimulante. Há uma necessidade de explorar aqui o sentido que as crianças atribuem ao trabalho escolar de forma mais aprofundada para poder compreender de fato como ele faz parte do desenvolvimento psíquico delas.

**Quadro 15 - Situações em que os pais vêm à escola**

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Quando eu estou passando mal e quando tem reunião.
Criança 2	Na reunião de pais e quando eu sinto dores.
Criança 3	Quando eu estou passando mal e nas reuniões.
Criança 4	Quando eu estou com dores e reunião de pais.
Criança 5	Quando eu me comporto mal ou fico conversando.
Criança 6	Na reunião de pais e quando eu me comporto mal.

**Análise:**

De acordo com as crianças, os pais gostam de vir à escola, sobretudo para verem suas notas. Mas também vem à escola nas reuniões, quando estão com algum problema de saúde ou quando se comportam mal. De maneira geral, as crianças só sabem o que acontece durante a reunião de pais quando os pais comentam com elas o que foi dito a seu respeito. Dessa forma, as crianças acham positiva a presença dos pais na escola mesmo com o nervosismo do que pode ser dito pela professora sobre elas. Esse conjunto de resposta remete a questões de ordem do papel que a criança ocupa na família, o envolvimento e o reconhecimento que elas têm pelos pais a partir de sua trajetória escolar.

**Quadro 16 - Relação com a Orientadora Educacional**

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Boa, porque ela é legal.
Criança 2	Boa, porque ela é muito boa.
Criança 3	Boa, porque ela é divertida, legal e engraçada.
Criança 4	Boa, porque eu gosto dela.
Criança 5	Muito boa, porque ela é muito legal.
Criança 6	Boa, porque eu gosto muito dos deveres que ela me manda fazer.

**Análise:**

A relação das crianças com a orientadora aparentemente é muito boa, como evidenciado pelas falas das crianças. Destaca-se a Criança 6, diagnosticada com TDAH ao se referir especificamente das ações da orientadora educacional: “gosto muito dos deveres que ela me manda fazer”, talvez por ser a única participante que recebe atendimento efetivo da orientadora. Entretanto, é possível observar que as respostas atribuem adjetivos pessoais sem conhecimento explícito do trabalho da profissional, com exceção da Criança 6.

**Quadro 17 - O que acham do dever de casa, quem auxilia e o que acontece quando não é feito**

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Bom – meu irmão me ajuda – eu apanho.
Criança 2	Bom – minha mãe me ajuda – ela briga comigo.
Criança 3	Mais ou menos –minha mãe - ela briga.
Criança 4	Mais ou menos – minha mãe – minha mãe me bota pra fazer no outro dia.
Criança 5	Ruim –minha mãe me ajuda – apanho, levo ‘peia’.
Criança 6	Ruim –minha mãe me ajuda –minha mãe me bate.

**Análise:**

O dever de casa divide opiniões, duas crianças o consideram bom, duas mais ou menos, e duas, ruim. Entretanto todas costumam fazer o dever de casa e contam com o auxílio dos pais em sua realização, sobretudo, das mães que os orientam evidenciando o envolvimento materno nas questões que tangem a educação dos filhos. Apenas a Criança 1 afirma ser ajudada pelo irmão nas atividades escolares. Quando não fazem o dever de casa, diferentes são as “conseqüências”: quatro dizem apanhar quando não fazem as atividades, dois afirmam que a mãe briga e um tem que fazer a atividade no dia seguinte. Em todos os casos, embora sem julgar o mérito dessa conseqüência, nota-se que as crianças sinalizam a presença ativa dos pais ou responsáveis na cobrança da realização do trabalho escolar e tem clareza de quais conseqüências sofrerão diante da não realização do dever.

A dimensão **turma** é tratada nos quadros 18 a 21 e investigam a existência de relacionamentos de amizade dentro e fora da escola, os principais problemas na sala de aula e a relação com os colegas.

**Quadro 18 - Relacionamentos de amizade dentro e fora da escola**

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Não.
Criança 2	Não.
Criança 3	Tenho, a Criança 5.
Criança 4	Tenho, o João <sup>1</sup> – Aluno de outra turma..
Criança 5	Tenho, a Criança 3.
Criança 6	Tenho, a Maria <sup>2</sup> – Aluna de outra turma.

**Análise:**

No contexto aqui analisado, algumas crianças têm contato com os colegas dentro e fora da escola, consolidando vínculos para além desse espaço. Entretanto, no grupo participante as Crianças 1 e 2 não se relacionam com os colegas de escola fora desse âmbito, diferenciando-se das outras quatro que mencionaram ter amigas com as mesmas crianças dentro e fora da escola, nem sempre da mesma turma.

Entretanto, é interessante notar que as crianças, embora quase todas morem nas redondezas da escola, poucas mantêm uma relação de amizade. Isso talvez se deva à idade das crianças e ao processo de socialização nessa fase que se caracteriza pela relativa dependência dos pais na negociação e consolidação das relações fora da família.

**Quadro 19 - Principais problemas na sala de aula**

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Conversa, bagunça, os gritos.
Criança 2	Quando a gente grita, não come todo o lanche, bagunça.
Criança 3	Quando a gente briga, brinca fora de hora, quando a gente também escreve com letra que ela não entende.
Criança 4	Quando a gente fica correndo pela sala.
Criança 5	De bagunça.
Criança 6	Quando eu brigo com a Ana <sup>3</sup> .

**Análise:**

É interessante perceber que as próprias crianças têm consciência dos problemas vivenciados na sala de aula. De maneira geral, para elas o mau ‘comportamento’ é o principal problema. Esse comportamento inadequado se caracteriza por gritos, bagunça, brincadeiras fora de aula, correria e conversa. A Criança 3 traz um fator diferente:

<sup>1</sup> João: Nome fictício

<sup>2</sup> Maria: Nome fictício

<sup>3</sup> Ana: Nome fictício

“quando a gente também escreve com letra que ela [professora] não entende”. Tendo em vista que a Criança 4 parece ser objeto de queixa sobre sua caligrafia, pode ser que a Criança 3 esteja se referindo à Criança 4. Podemos sinalizar também a forma como as Crianças 2, 3 e 4 se posicionam, inserindo-se como corpo coletivo da turma ao dizer “a gente”. Já a criança 6, assume uma posição pessoal ao explicitar o “eu” quando relata que briga com uma colega específica.

**Quadro 20 - Comportamento na sala de aula**

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Bom, porque eu fico só fazendo dever.
Criança 2	Mais ou menos, porque eu fico cantando.
Criança 3	Mais ou menos, porque eu puxo o cabelo da Criança 5, xingo ele e brigo com ele.
Criança 4	Mais ou menos, porque eu bagunço um pouquinho.
Criança 5	Mais ou menos, porque às vezes eu bagunço.
Criança 6	Mais ou menos, porque às vezes eu bagunço.

**Análise:**

Quanto ao comportamento das crianças na sala de aula, apenas uma criança o julga como bom, as outras o julgam mais ou menos, por bagunça ou briguinhas com colegas de sala. Entretanto, conforme as observações por mim realizadas durante o estágio supervisionado e a descrição dos sujeitos, a Criança 1 conversa em demasia e não presta atenção nas aulas, contrapondo sua resposta durante a realização da entrevista coletiva. As respostas demonstram um conhecimento do comportamento esperado dentro da sala de aula e possivelmente estão permeados pela voz da professora, na tentativa de controlar o comportamento da turma.

**Quadro 21 - Relação com os colegas**

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Bom, porque eu me dou bem com todo mundo.
Criança 2	Boa, eu não brigo com ninguém, só com o José <sup>4</sup> .
Criança 3	Não respondeu.
Criança 4	Mais ou menos, porque de vez em quando eu brigo com alguém.
Criança 5	Mais ou menos, porque a Criança 3 fica me enchendo também e puxando meu cabelo.
Criança 6	Mais ou menos, às vezes eu não agüento a Criança 2.

**Análise:**

A relação com os colegas também divide opiniões, as Crianças 1 e 2 afirmam ter uma boa relação com os colegas. Já as Crianças 4, 5 e 6 dizem ter um relacionamento

<sup>4</sup> José: Nome fictício

não muito bom com os colegas, surgindo certos desentendimentos até entre os participantes do grupo de entrevista.

A dimensão **professora** é tratada na quadro a seguir e preocupa-se com a relação que as crianças têm com a professora regente.

**Quadro 22 - Relação com a professora**

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Boa, porque ela é legal e ta ensinando coisas pra gente.
Criança 2	Boa, porque ela é legal.
Criança 3	Mais ou menos, porque ela grita demais, fica brava e passa muito dever.
Criança 4	Boa, porque eu gosto dela.
Criança 5	Boa, porque ela é legal
Criança 6	Boa, porque eu gosto dela.

**Análise:**

As crianças demonstram ter uma boa relação com a professora, apenas a Criança 3 afirma ter uma relação mais ou menos com a regente por ficar brava e passar muito dever. Entretanto, todos consideram que ela ensina muito bem e que seus pais gostam da sua atuação.

A dimensão **criança** é vista nos quadros 23 a 26 e verifica a relação das crianças com os pais e a percepção de bons alunos por eles mesmos, pela professora e pelos pais.

**Quadro 23- Relação com os pais**

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Boa
Criança 2	Boa, porque eles me ensinam, fazem um monte de coisa comigo
Criança 3	Mais ou menos, porque às vezes eles me deixam de castigo
Criança 4	Boa
Criança 5	Boa
Criança 6	Boa, porque eu gosto deles e eles me ajudam no dever de casa

**Análise:**

A relação entre pais e filhos, sobretudo na infância é um importante aspecto na vida da criança por ser nessa relação que os pequenos formam sua identidade e desenvolvem seu emocional. No estudo da relação das crianças com seus pais, apenas a Criança 3 reclama dos pais ao deixá-la de castigo. A especificação aos pais como agentes no auxílio nos deveres de casa aparece na fala das Crianças 2 e 6. Entretanto é interessante notar que todas as crianças delegam uma posição ativa aos pais quanto aos que conduzem e são responsáveis pelas vivências da criança.



**Quadros 24, 25 e 26 - Percepção de bons alunos por eles mesmo, pela professora e pelos pais**

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Sim, porque eu não sei.
Criança 2	Sim, porque sim.
Criança 3	Sim, porque eu não sei.
Criança 4	Sim, porque só às vezes eu não faço as tarefas.
Criança 5	Sim, porque sim.
Criança 6	Sim, porque às vezes eu não fico brincando.

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Sim, porque eu tiro boas notas e me comporto.
Criança 2	Sim, porque eu estudo.
Criança 3	Sim, porque eu faço os deveres e bagunço só um pouquinho.
Criança 4	Sim, porque eu não sei.
Criança 5	Mais ou menos, porque às vezes eu bagunço um pouco.
Criança 6	Sim, porque sim.

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Sim, porque na prova eu faço tudo certinho
Criança 2	Sim, por causa das minhas notas.
Criança 3	Mais ou menos, porque quando a Tia [professora] falta eles [pais] pensam que é porque a gente ta enchendo o saco.
Criança 4	Mais ou menos, porque tem alguns deveres que é meio difícil pra eu fazer
Criança 5	Sim, porque eu estudo e tiro boas notas.
Criança 6	Sim, porque a Tia fala bem de mim na reunião.

**Análise:**

Com relação aos diferentes pontos de vista acerca da percepção de bons alunos todos se acham bons alunos, como dito pela Criança 4 no quadro 24: “ porque só as vezes eu não faço as tarefas” e pela Criança 6: “porque às vezes eu não fico brincando”. Isso pode sugerir que as crianças estão intensamente ligadas nas expectativas dos adultos sobre elas. As referências ressaltam questões comportamentais e de realização das atividades escolares, o que pode indicar a marca do outro social significativo no desenvolvimento da subjetividade. Quanto à percepção de bons alunos na visão da professora no quadro 25, apenas a Criança 5 considera ser um aluno mais ou menos bom por, as vezes, bagunçar um pouco.

Já na perspectiva dos pais no quadro 26, as Crianças 3 e 4 se consideram alunos mais ou menos bons. Três delas já estabelecem uma relação direta entre ser bom aluno e desempenho legitimado pelas “notas” e por “fazer tudo certinho”. A Criança 3 apresenta uma fala interessante, parece que ela é culpabilizada, junto a sua turma, pelos prejuízos que causam à professora.

A Criança 4 apresenta uma questão pessoal que pode estar relacionada com o domínio da própria escrita. Uma vez que há queixas sobre a caligrafia dele e, em outros momentos, reafirma ter dificuldade de realizar tarefas como no quadro a seguir. Também é importante destacar o sentido que a Criança 6 atribui à qualificação subjetiva que a professora faz à ela, retransmitida com certeza pela mãe ao comentar sobre a reunião de pais.

A dimensão **aprendizagem** é discutida na quadro a seguir em que os alunos retratam a percepção que têm acerca da sua aprendizagem.

**Quadro 27 - Percepção da sua aprendizagem**

Sujeito	Verbalização
Criança 1	Boa, porque eu vou aprendendo.
Criança 2	Boa.
Criança 3	Boa, porque eu aprendo rápido e consigo fazer os deveres.
Criança 4	Ruim, porque alguns alunos me atrapalham.
Criança 5	Boa.
Criança 6	Boa, porque eu acho que aprendo direitinho.

**Análise:**

A perspectiva da própria aprendizagem na esfera escolar está vinculada à forma pela qual a criança percebe e adquire conhecimento que serão utilizados posteriormente na vida adulta. Nesse sentido, quanto à percepção da aprendizagem deles mesmos, apenas uma criança considera ruim por ser atrapalhada por outras crianças durante as aulas, a Criança 4, quem vem recorrentemente sinalizando algumas dificuldades com a realização do trabalho escolar.

Os quatro momentos de estudo empírico propiciaram grandes descobertas ao trabalho e ao cumprimento dos objetivos de pesquisa, sobretudo, por evidenciar diferentes perspectivas acerca das dimensões colocadas: escola, turma, professora, criança e aprendizagem. Nesse sentido, as entrevistas realizadas com a orientadora educacional, a professora regente e as crianças, bem como o questionário aplicado com os pais suscitaram aspectos importantes a serem discutidos.

## CAPÍTULO 5

### DISCUSSÃO

A articulação dos significados construídos pelos sujeitos da pesquisa ao longo da análise nos remete às cinco dimensões norteadoras: escola, turma, professora, criança e aprendizagem. Dessa forma, ao discutir o posicionamento subjetivo dos sujeitos participantes é possível delinear os modos de atuação da família na vida escolar das crianças.

#### **Dimensão escola**

A participação da família na instituição se destaca através das falas dos sujeitos em dois momentos: início e fim das aulas e nas reuniões bimestrais. O momento de entrada e saída se destaca como uma oportunidade de troca entre família e escola, já que esta ocorre todos os dias. Já nas reuniões bimestrais, mais conhecidas como reunião de pais, a família tem um momento específico para conhecer o dia-dia da criança na sala de aula, a dinâmica da escola, esclarecer dúvidas, acompanhar o aprendizado e estabelecer relações.

Nas falas seguintes é possível confirmar a presença dos pais, sobretudo, nessas duas ocasiões:

“Eles geralmente aproveitam o horário de entrada ou de saída”. – Orientadora Educacional

“A maioria deles vai embora acompanhada, se não é pelos pais é por irmãos mais velhos. Mas eles vem a maior parte das vezes, só nas reuniões mesmo”. – Professora

“Levo minha filha todos os dias, participo de todas as reuniões e compareço na escola sempre que sou solicitada”. – Mãe 3

“Quando eu tô passando mal e nas reuniões”. – Criança 3

Conforme Paro (2003), o fato de a família não poder participar de todo o processo escolar dos filhos não a impede de acompanhá-los de outras maneiras, já que os pais geralmente demonstram se preocupar com a aprendizagem dos filhos. Dessa maneira, fica evidente a validade do contato na entrada e saída dos alunos e o entendimento por parte das famílias e dos agentes educativos da importância de uma

aproximação mútua e interdependente com vistas à formação da criança. Embora a entrada e saída não se constitua como o momento mais conveniente de comunicação para os pais, pelo menos na perspectiva da professora e da orientadora, é o momento de maior contato entre professora e família. Seria interessante pensar em formas de educar os pais quanto à importância de preservar esse momento em termos da dinâmica pedagógica da sala de aula e orientá-los a ocupar outros espaços e formas de comunicação.

No que se refere ao conceito de participação efetiva, Orientadora Educacional e Professora se posicionam de forma similar. Através da análise das falas é notória a busca por formas de aproximação e acompanhamento no interior das duas instituições: família e escola. Szymanski (2010) ainda ressalta que ambas as instituições desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão.

“Eles acompanham, eles virem às reuniões dos professores, quando são convocados pela direção, pelo Serviço de Orientação Educacional (SOE), a participação pra mim é isso. Quando a gente faz oficinas à noite para os pais, que eles participem também”. – Orientadora Educacional

“acompanhar a criança, acompanhar mesmo, vendo o que a escola tá fazendo por ele, quando a escola chama, porque está chamando, em que pode estar ajudando, olhando o dever de casa, se está fazendo, não é fazer pra criança, pode deixar ele fazer sozinho, mas estar acompanhando. Ver se tem alguma coisa pra fazer, porque que não tem. Olhar a agenda, uniforme, material... esse tipo de coisa”. – Professora

No caso das crianças e dos pais, essa questão apareceu de forma indireta nos procedimentos utilizados quando falam sobre o dever de casa e a relação com os pais. Quanto ao dever de casa as crianças apontam, de modo geral, o auxílio das mães na realização das atividades, e do irmão no caso da Criança 1. Ao falar da relação com os pais, algumas crianças justificam a relação em função do envolvimento dos pais no trabalho escolar: “eles me ensinam, fazem um monte de coisa comigo” (Criança 2) e “eu gosto deles e eles me ajudam no dever de casa” (Criança 6).

Nesse sentido, Paro (2002) endossa que:

Tendo em conta que a participação democrática não se dá espontaneamente, sendo antes um processo histórico em construção coletiva, coloca-se a necessidade de se preverem mecanismos

institucionais que não apenas viabilizam, mas também incentivem práticas participativas dentro da escola pública. (PARO, 2002, p. 46)

Sendo assim, torna-se imprescindível que a escola estabeleça estratégias de participação e inserção da família no cenário escolar, bem como a noção da importância dessa cooperação. A criação de vínculos no âmbito escolar é permeada por expectativas ligadas aos papéis exercidos pela instituição escola e pela instituição família e suas necessidades. Dessa forma, obter a colaboração dos pais não é uma tarefa fácil para escola e vice-versa por estarem sempre esperando algo do outro.

“Os pais se relacionarem com os professores, vir às reuniões, pedir informação, ver como o filho está, acompanhar, conversar comigo, também influencia no desenvolvimento das crianças. Alguns geralmente nos procuram e isso influencia, e muito. Por que o pai, geralmente a gente orienta e desenvolve algumas estratégias no lar e aí, quando o pai realmente cumpre com aquilo, você vê o resultado na hora”.

“eu tento conscientizar, realizo oficinas e promovo reuniões ao final do Conselho de Classe”. – Orientadora Educacional

“O que eu posso fazer é chamar, estar aqui, me mostrar à disposição. Quando um pai não pode vir à reunião, eu tenho outros horários, falo os horários que eu posso atender. As vezes aparece, as vezes não! Então tem pai que nunca veio a nenhuma reunião, vem buscar o filho, mas nunca nem perguntou como é que ele está”. – Professora

As expectativas com relação à participação da família no contexto escolar são explicitadas através da fala da orientadora e da professora. De maneiras diferentes, próprias da tarefa educativa que desempenham, buscam envolver, atrair a atenção dos pais e estabelecer vínculos. Vygotsky (2000) afirma que este processo é construído a partir das interações sociais que são mediadoras na construção da subjetividade e dos parâmetros históricos e culturais.

Nesse sentido, os pais estabelecem que a relação entre família e escola deva ser amigável, com o intuito que essa proximidade gere benefício a seus filhos, conforme dito pelo Pai 4: “Os pais devem ser amigos do professor e diretor, assim podemos ajudar nosso filho a ser um aluno melhor”.

Quanto às dificuldades no estabelecimento de relações, esta se justifica de diferentes maneiras pela orientadora educacional, pela professora e pelos pais. Nesse sentido, diferentemente do que é dito pela orientadora educacional e pela professora, os pais participantes da pesquisa se envolvem no processo de ensino dos filhos e têm

conhecimento da importância de participarem da vida escolar dos filhos, entretanto, a falta de tempo surge como empecilho à uma participação maior.

“Conscientização que eles precisam participar, deles estarem acompanhando o filho pedagogicamente, acompanhando a vida escolar do filho, é muito difícil essa conscientização. Eles acham que não têm compromisso, que a escola tem que educar, a escola tem que cuidar, aliás, fazer a parte deles também. ai, eu sinto essa dificuldade em relação à essa construção”. – Orientadora Educacional

“As principais dificuldades é envolvê-los, trazê-los aqui para escola”.  
– Professora

“O não comparecimento dos pais por falta de tempo, ou por achar que isso não tem importância”. – Mãe 3

A cooperação e a confiança se mostram como um caminho ideal à relação família-escola, sendo assim, a interação entre os agentes escolares e familiares consiste em entender o lugar e o papel de cada um, as concepções educativas e as estratégias de contato de ambos.

### **Dimensão turma:**

A participação dos pais em relação à turma é falha. Segundo a Orientadora e a Professora alguns pais se conhecem porque seus filhos estudaram juntos em séries anteriores ou por morarem próximos uns dos outros, mas não têm ações diretas na sala de aula. O Pai 4 e Mãe 5, por exemplo, afirmaram no questionário não conhecerem ou ter contato com os outros pais. Entretanto, é importante que se construa uma cultura social em torno desta atividade em comum para que os sujeitos possam se desenvolver mutuamente. A Orientadora Educacional menciona que “Gostaria que ao longo do ano os pais se relacionassem mais e se inserissem na dinâmica da sala de aula”. Essa é uma questão que indica a ausência de um sentido de comunidade no interior da escola, a construção de uma comunidade de ação que integre os atores sociais presentes na família e em outras instâncias institucionais ou simplesmente físicas, como os moradores da comunidade.

Frente à falta de participação dos pais dentro da sala de aula, a Revista Nova Escola propõe formas de inserção dos pais nesse ambiente em que a professora também

ganha ao conhecer melhor o universo em que vive sua turma e elaborar projetos de acordo com os interesses da comunidade:

Uma maneira comum de atrair os pais para a escola é por meio dos projetos pedagógicos. Convidar um adulto para contar a história da família e do bairro e recordar as brincadeiras preferidas da infância valoriza a participação familiar e coloca os responsáveis em contato direto com o trabalho pedagógico. (REVISTA NOVA ESCOLA ONLINE, EDIÇÃO 206, OUTUBRO 2007)

### **Dimensão professora:**

A relação da Professora com a família e as formas de estabelecimento de vínculos com os pais mostra-se muito bem constituída, sendo um importante fator ao bom andamento das atividades escolares. Segundo Rocha & Macêdo (2002, p.32), o envolvimento familiar traz, também, benefícios aos professores que sentem que o seu trabalho é apreciado pelos pais e se esforçam para que o grau de satisfação dos pais seja grande.

“[...] eu vejo ela fazendo vínculos, ela conhece todos os pais, tem um bom relacionamento e eu acho que isso favorece muito o desenvolvimento da criança”. – Orientadora Educacional

“Tô sempre chamando. Quando o aluno tá me mostrando alguma dificuldade, quando ocorre algum problema de comportamento ou quando ele esteve ruim e ele melhorou, eu também costumo falar com os pais. As vezes não dá para falar pessoalmente, eu mando bilhete... eu estou sempre falando com eles”. – Professora

“Ótima, excelente”. – Mãe 5

“Boa, porque ela é legal e tá ensinando coisas pra gente”. – Criança 1

### **Dimensão criança**

O papel da família no desenvolvimento do filho surge igualmente nas falas da Orientadora Educacional, da Professora e da Mãe 2, como sendo fundamental. Entretanto, essa relação só ocorre de fato, quando há uma cooperação, uma busca mútua, diálogo e divisão das responsabilidades com vistas ao desenvolvimento da criança.

“É fundamental que a família acompanhe, que a família esteja presente mesmo, que a família esteja envolvida, de fato. Por que se a família é envolvida, a criança apresenta resultados satisfatórios”. – Orientadora Educacional

“É fundamental, por que se a família não ajuda... Por que tem aluno que tem a dificuldade, mas você vê o esforço, você vê a vontade e tem aluno que você faz de tudo, descabela, tenta... tenta... e não consegue por que a família não se importa, não tá nem ai. Então eu acho que a família já é meio caminho andado, se a família ajuda, se ela se importa, se ela vai atrás ‘olha, vou colocar em um reforço, eu vou ajudar, tô estudando com ela’”.- Professora

“Fundamental, digamos que formamos uma corrente positiva, um ajudando o outro para juntos, formarmos pessoas do bem”. - Mãe 2

De acordo com Souza (2010, p. 32), “tendo como pano de fundo essa divisão de responsabilidades, refletir sobre a relação entre família e escola, remete permear diferentes perspectivas do envolvimento entre ambos os seguimentos e as respectivas influências destas sobre o desenvolvimento e a aprendizagem humana”.

### **Dimensão aprendizagem:**

A atuação da família na aprendizagem escolar de seus filhos atrela-se ao sucesso escolar das crianças. Nesse sentido, por meio das falas da Orientadora e da Professora é perceptível a importância do interesse dos pais pelo processo de aprendizagem dos filhos. Para Macedo (1994, p.199) filhos e pais são beneficiados com a participação da família no processo de aprendizagem: com a participação da família no processo de ensino aprendizagem, a criança ganha confiança vendo que todos se interessam por ela e os pais passam a conhecer quais são as dificuldades e quais os conhecimentos da criança.

“E as conseqüências mais visíveis são essas, que a gente vê crianças deslançando, crianças indo para as altas habilidades, porque nós temos casos aqui”. – Orientadora Educacional

“Bom, estatisticamente falando, quando a família acompanha o resultado é satisfatório mesmo, é nítido. Quando não tem o acompanhamento, a gente vê que a criança fica prejudicada, tem um prejuízo muito grande, pedagogicamente”. – Orientadora Educacional

“Se os pais se importam, se se envolvem mais, os alunos tendem a se importar mais também com os estudos. Eles tendem a mostrar mais resultados. Se o pai cobra, se o pai tá em cima, se está ajudado, se



mostra interesse. Agora quando o pai não tá nem ai, é difícil”. –  
Professora

Nos discursos de todos os participantes há uma ênfase no trabalho escolar, porém, não no desenvolvimento do sujeito criança. Parece haver um descompasso ou uma invisibilidade entre qual é o objetivo maior da educação em termos de formação global. Parece não haver uma compreensão compartilhada sobre o trabalho escolar como uma vivência dinâmica permeada pela construção de ferramentas intelectuais, sociais, afetivas e motoras que possibilitam e potencializam outras experiências para além da escola. Da mesma forma, não se enfatiza a aprendizagem escolar como parte da construção de projetos de vida para o futuro.

Em termos históricos, é possível perceber a escola como uma tentativa cultural diferente da família. Entretanto, o distanciamento e a falta de sentido do trabalho escolar podem fazer com que as crianças se sintam estrangeiras, apesar da notável mobilização e comprometimento da professora e da orientadora educacional e das próprias famílias. A negociação social sobre a importância do sucesso escolar parece ainda estar emergente na percepção das crianças, especialmente porque ainda é muito intensa a dimensão lúdica do desenvolvimento. Mas elas já parecem ter claro que a participação da família possui uma moeda de troca que são o rendimento e o desempenho.

Por outro lado, é interessante notar que a qualidade da relação entre a família da Criança 6, diagnosticada com TDAH, é sensivelmente diferente. É possível notar uma aproximação maior dessa família com a professora e com a orientadora e um conhecimento maior dessa criança sobre o trabalho escolar diferenciado que recebe. Talvez em função de uma cooperação mais efetiva envolvendo os diferentes profissionais da escola voltada para o desenvolvimento dessa criança não só em termos de tarefas escolares, mas preocupação com as relações sociais na sala de aula e outros aspectos subjetivos, como a preocupação da professora com o estado de ânimo, afetivo da aluna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso deste trabalho foram levantadas questões que buscassem caracterizar a participação da família na vida escolar dos filhos em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental de uma escola pública do Distrito Federal, para isso a relação família e escola foi colocada em evidência. Duas perspectivas se destacaram na construção deste estudo: a perspectiva histórico-social com o objetivo de compreender os significados atribuídos à relação família-escola ao longo do tempo e a perspectiva da psicologia do desenvolvimento, dando ênfase à importância de ambas na constituição do sujeito.

Dessa forma, reiteram-se as problematizações iniciais: de que forma se dá a participação dos pais na referida instituição; como a escola atrai a atenção dos pais; o papel dos agentes educacionais na criação de vínculos e as conseqüências da participação da família no ato educativo. Suscitando assim, o objetivo geral de analisar os impactos da participação da família na escola no que tange o desenvolvimento escolar da criança. As considerações finais, embora de caráter provisório, estão organizadas em torno dos objetivos específicos propostos para o desenvolvimento deste trabalho.

O posicionamento dos pais em relação à escola e aos processos de aprendizagem dos filhos mostrou-se de forma positiva. Em geral, buscam estabelecer uma relação amigável com a escola, conscientes da importância dessa aproximação à aprendizagem dos filhos e seu sucesso escolar. A participação da família na escola baseia-se especificamente em dois momentos: nas reuniões bimestrais e quando são convocados pelos agentes educacionais.

Quanto aos modos e contextos de participação da família no cenário escolar, estes se diferenciam da participação ao considerar os momentos de rápida comunicação entre família e os agentes educacionais no início e fim das aulas. Por fim, a importância da professora da turma e da orientadora educacional na criação de vínculos escola-família através de oficinas, reuniões e outros momentos de diálogo é determinante para que laços entre família e escola se estreitem e culminem no bom desenvolvimento das crianças.

Nesse sentido, os principais motivos que levam os pais da referida instituição a participarem do processo educativo de seus filhos são: a abertura da escola à

convivência entre pais e educadores; a relação de compromisso mútuo entre os agentes educativos e as famílias e a consciência de quão importante é o amparo familiar no processo de ensino e aprendizagem das crianças.

Deste modo, a principal contribuição deste trabalho é investigar as construções subjetivas que levam as seis famílias participantes do estudo a se envolver na tarefa educativa desenvolvida no âmbito escolar. Limitando-se a não avaliação da perspectiva dos pais não participativos. Sendo assim, para pesquisas futuras recomenda-se o estudo dos pais que não participam do processo educativo dos filhos, assim como meios que propiciem essa participação.

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Finalizo este Trabalho de Conclusão de Curso afirmando que minha trajetória não se encerra aqui. O crescente interesse pela área de pesquisa onde muito me empenhei na elaboração deste trabalho dissipou a minha pretensão de realizar concursos públicos e deu origem à possibilidade de pós-graduação aqui na Universidade de Brasília.

Pretendo assim, manter-me como pesquisadora e analisar as relações existentes nas instituições escolares que, por sua vez, são capazes de influenciar no processo de desenvolvimento humano. Compreendendo a escola através de sua dimensão social que além de transmitir o conhecimento socialmente acumulado, tem como objetivo a socialização de seus alunos e a participação de todos os envolvidos.

Também pretendo aprofundar meus conhecimentos em Serviço de Orientação Educacional e de Orientação Vocacional Profissional, temáticas que me dediquei e me identifiquei ao longo dos Projetos 3 e 4, mas não prossegui. Dessa vez, tenho por objetivo atuar dentro da escola de maneira participativa e em contato direto com corpo escolar

Entretanto, independentemente da concretização das perspectivas profissionais aqui citadas, não deixarei de agir sob a perspectiva pedagógica que tanto me orgulha e engrandece o ato educativo.

## REFERÊNCIAS

ACÚRCIO, M. R. B & ANDRADE, R. C. **O empreendedorismo na escola**. Belo Horizonte: Artemed. Rede Pitágoras, 2005.

ALARCÃO, I. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto alegre: Artmed, 2001.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1983.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O. TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 13. Ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

BRANCO, A. U. **Sociogênese e canalização cultural: contribuições à análise do contexto das salas de aula**. Brasília: Temas em Psicologia, 1993.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, **1934**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao34.htm)>.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, **1937**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao37.htm)>.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, **1946**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm)>.

BRASIL. **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2008.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, 13 de julho de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>.

BRASIL. **LEI Nº 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. Brasília: Ministério da Educação, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: MEC, 2011.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial** Secretaria de Educação Especial: livro 1. Brasília, MEC/SEESP, 1994.

BRONFENBRENNER, U. A. **Ecologia do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COLL, C., MARCHESI, A., PALACIOS, J. & COLS. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia da Educação Escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COSTA, S. S. G. **A interpretação de textos poéticos em pares e o processo de interação.** Em: 25º Reunião Anual da ANPED: Educação: manifestos, lutas e utopias, Caxambu, 2002.

DESSEN, M. A. & POLONIA, A. C. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano.** Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

FARIA FILHO, L.M. **Estado, cultura e escolarização em Minas Gerais no século XIX.** In: VIDAL, D.G.. A memória e a sombra. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

GAMA, G. N. **Princípios Constitucionais de Direito de Família: Guarda Compartilhada à Luz da Lei n. 11.698/08: família, criança, adolescente e idoso.** São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1994.

GIUSTA, A. **Concepções de Aprendizagem e Práticas Pedagógicas.** In: Educ. Rev. Belo Horizonte, 1985.

GOKHALE, S. D. **A Família Desaparecerá?** In: Revista Debates Sociais, Rio de Janeiro, CBSSIS, n. 30, ano XVI, 1980.

REY, F. G. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

JARDIM, A. P. **Relação entre família e escola: proposta de ação no processo de ensino-aprendizagem.** Presidente Prudente, 2006.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** São Paulo: Ática, 1997.

MACÊDO, C. R. & ROCHA, C.S. **Relação família & escola.** Pará: Universidade da Amazônia, 2002.

MACEDO, R. M. **A família diante das dificuldades escolares dos filhos.** Petrópolis: Vozes, 1994.

PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública.** São Paulo: Ática, 2002.

PARO, V. H. **Qualidade do Ensino: a contribuição dos pais.** 3ª reimpressão. São Paulo: Xamã, 2007.

PEIXOTO, A. M. C. **Triste retrato: a educação mineira no estado novo.** In: FARIA, L. M. & PEIXOTO, A. M. C. Lições de Minas: 70 anos da Secretaria da Educação. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2000.

PINTO, C. **Foucault e as constituições brasileiras: quando a lepra e a peste se encontram com os nossos excluídos.** Porto Alegre: Educação & Realidade, 1999.

QUINTANA, M. **A volta da esquina.** Porto Alegre: Globo, 1979.

REVISTA NOVA ESCOLA, Edição 206 de Outubro de 2007. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/pais-seguem-perto-rotina-424388.shtml>>

RIBEIRO, A. M. **Curso de Formação Profissional em Educação Infantil**. Rio de Janeiro: EPSJV / Creche Fiocruz, 2005.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. 20ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SAMARA, E. M. **O Que Mudou na Família Brasileira da colônia à atualidade**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642002000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004)>.

SINGLY, F. O nascimento do indivíduo individualizado e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C. et al. **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SOUZA, J. C. M. **Os significados construídos na e pela relação família-escola: u m estudo com pais e educadores**. 2010.

STRAUSS, L. C. **Homem, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Liber Livro, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. S. P.: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Manuscrito de 1929**. Educação e Sociedade, 2000.

XAVIER, M. E. S. P.; RIBEIRO, M. L. S.; NORONHA, O. M. **História da Educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.

## **ANEXOS**





Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação  
Departamento de Teoria e Fundamentos

Brasília, 22 de setembro de 2011

Senhor(a) Diretor(a),

A aluna Laís Souza Ribeiro, matrícula UnB no. 09/98974 do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília está atualmente na fase final de seu curso, momento da realização do trabalho monográfico de conclusão de curso, denominado no currículo do curso de “Projeto 5”, sob minha orientação, Prof. Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

O programa do Projeto 5 tem por objetivo proporcionar ao nosso aluno em formação oportunidade de desenvolver um olhar investigativo sobre os processos escolares como forma de enriquecer a sua experiência de formação tanto no magistério em sala de aula como em pesquisa.

Sob a minha orientação, Laís tem o interesse de investigar a participação dos pais na vida escolar dos filhos. Acreditamos que a qualidade dessa participação tem um efeito importante no processo de escolarização e de aprendizagem escolar para a criança e para a dinâmica do trabalho pedagógico, especialmente no início de escolarização. Mas, é importante saber o que leva os pais, família ou responsáveis a participar do processo de educação dos seus filhos. Por isso, ela gostaria de aprofundar mais essas questões por meio de um estudo empírico na turma de terceiro da Escola Classe 4 de Sobradinho.

Apresentamo-nos a esta instituição no intuito de conhecer a realidade educacional e avaliar junto à direção e equipe pedagógica a possibilidade de realizarmos **entrevistas com a professora da turma, com a orientadora educacional, com alguns pais que tenham participação efetiva na escola e, possivelmente, com os respectivos filhos** para conversar sobre o que consiste essa participação e quais as razões que a motivam.

Desde já esclarecemos que o trabalho tem cunho investigativo focado no desenvolvimento escolar de educandos de uma forma positiva e construtiva, e que os procedimentos de pesquisa não oferecem nenhum risco ou prejuízo nem para a instituição nem para os sujeitos entrevistados. Coloco-me a disposição para quaisquer dúvidas pelo número 84945116 e por meio do endereço eletrônico [sandra.ferraz@gmail.com](mailto:sandra.ferraz@gmail.com).

Atenciosamente,

Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**Faculdade de Educação**  
**Departamento de Teoria e Fundamentos**  
 PESQUISA: *A participação da família na vida escolar dos filhos*  
 Laís Souza Ribeiro  
 Orientadora: Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado (a) do objetivo geral da pesquisa sobre "**A participação dos pais na vida escolar dos filhos**" realizada por **Laís Souza Ribeiro**<sup>5</sup>, aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB no 09/98974, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire<sup>6</sup>.

O trabalho consiste em mapear os modos de atuação da família na escola, as razões que levam a uma participação efetiva e o sentido e impacto dessa atuação na vida escolar da criança em relação à sua aprendizagem e aos vínculos sociais construídos com os demais atores e espaços escolares. Para isso, o estudo realizará entrevistas com a professora, alguns pais e alunos (as) do terceiro ano, e entrevista com a orientadora educacional. As entrevistas com os participantes adultos serão individuais e a entrevista com os alunos será coletiva, em formato de entrevista coletiva. Ocorrerão em horário escolhido em comum acordo entre as partes no espaço da escola. Serão, preferencialmente, gravadas em áudio.

Minha participação é totalmente voluntária e será garantido o sigilo de meu nome e de todos os sujeitos participantes das entrevistas, como forma de preservar a identidade de cada um.

Os benefícios recebidos serão em termos de produção de conhecimento, uma vez que possibilita refletir sobre os processos envolvidos no trabalho pedagógico da escola com as famílias e pode trazer importantes achados para compreender e promover uma participação mais efetiva, com efeitos importantes para a aprendizagem de alunos e alunas e seu desenvolvimento no contexto da escola.

( ) **Concordo em participar deste estudo**

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome do (a) participante: \_\_\_\_\_

RG ou CPF do (a) participante: \_\_\_\_\_

Telefone do (a) participante: \_\_\_\_\_

E-mail do (a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) participante: \_\_\_\_\_

<sup>5</sup> Laís Souza Ribeiro – E-mail: laissouzaribeiro@hotmail.com

<sup>6</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Ferraz – E-mail: sandra.ferraz@gmail.com



Universidade de Brasília  
 Faculdade de Educação  
 Departamento de Teoria e Fundamentos  
 Área: Psicologia da Educação

PESQUISA: A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS

**TERMO DE CONSENTIMENTO**  
**Para menor de idade**

Meu nome é Laís Souza Ribeiro<sup>7</sup> aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB no. 09/98974, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire<sup>8</sup>. Estou realizando uma pesquisa sobre “A participação da família na vida escolar dos filhos” Para isso, gostaria de solicitar sua autorização para realizar uma entrevista coletiva com seu (sua) filho (a).

Esclareço que a entrevista coletiva ocorrerá em horário escolhido em comum acordo entre as partes no espaço da escola; as informações pessoais de seu (sua) filho (a) serão preservadas, ele (a) não será identificado(a) no trabalho; não existe nenhum risco potencial para ele(a); qualquer dúvida em relação ao estudo você pode me contatar por meio do e-mail laissouzaribeiro@hotmail.com e pelo telefone celular 82174803 ou 85887446.

A participação de seu (sua) filho (a) é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição.

**( ) autorizo meu (minha) filho (a) a participar deste estudo**

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome do(a) aluno (a): \_\_\_\_\_

Endereço do(a) aluno (a): \_\_\_\_\_

Nome do(a) responsável pelo(a) aluno (a): \_\_\_\_\_

RG ou CPF do(a) responsável pelo(a) aluno (a): \_\_\_\_\_

Telefone do(a) responsável: \_\_\_\_\_

E-mail do(a) responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) responsável: \_\_\_\_\_

<sup>7</sup> Contato: Laís Souza Ribeiro – E-mail: laissouzaribeiro@hotmail.com;

<sup>8</sup> Contato: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Ferraz – E-mail: sandra.ferraz@gmail.com.



Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação  
Departamento de Teoria e Fundamentos  
**PESQUISA: A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS  
FILHOS**  
Laís Souza Ribeiro  
Orientadora: Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

**INFORMAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS DE PARTICIPANTES DA  
PESQUISA**

<b>Nome</b>				
<b>Endereço completo</b>				
<b>CEP</b>	<b>Cidade</b>	<b>Estado</b>	<b>País</b>	
<b>Telefone</b>	<b>Celular</b>	<b>E-mail</b>		
<b>Sexo</b> M      F	<b>Data de Nascimento</b>	<b>Idade</b>	<b>UF de nascimen.</b>	<b>Há quantos anos em Brasília?</b>
<b>Casada (o) _____</b> <b>Solteira (o) _____</b>	<b>Filhos</b>			
<b>Formação (técnica e/ou superior) - curso e ano de conclusão</b>				
<b>Tempo de atuação profissional na educação</b>		<b>Há quanto tempo na SEE-DF?</b>		<b>Cargo/Função</b>
<b>Tempo de docência</b>	<b>Outros cargos pedagógicos ou administrativos fora de sala de aula</b>			
<b>Principais gratificações no trabalho pedagógico com famílias</b>		<b>Principais desafios do trabalho pedagógico com famílias</b>		

**Autorizo a utilização das informações acima providas por mim para fins de pesquisa acadêmica sabendo que minha identidade será plenamente preservada.**

<b>Local/Data</b>	<b>Assinatura</b>
-------------------	-------------------



Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

## **PESQUISA: A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS**

Laís Souza Ribeiro

Orientadora: Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

O roteiro deve ser estruturado de acordo com as cinco dimensões básicas que estão envolvidas na vida escolar da criança e, indiretamente, de suas famílias: escola (no papel de seus representantes institucionais como diretora, coordenadora, orientadora, pedagoga, psicóloga), turma, professora e equipe pedagógica por um lado, e a própria criança com seus processos singulares de aprendizagem por outro. Como o objetivo do trabalho é em termos gerais investigar a atuação da família na vida escolar das crianças, todas essas dimensões devem estar voltadas para explorar essa relação. A análise vai privilegiar o posicionamento subjetivo do sujeito entrevistado perante essas dimensões.

I – Sobre a escola: expectativas com relação à participação da família (definir as diferentes funções dos profissionais na relação com a família).

II – Sobre a turma: necessidades e expectativas com relação ao envolvimento da família.

III – Sobre a professora: relação da professora com a família; como a professora estabelece essas relações; quais as características de uma situação ideal e como de fato se dá essa relação (especialmente com a turma em questão).

IV – Sobre a criança: caracterizar o papel da família no desenvolvimento do filho; o que seria uma família comprometida e quais as necessidades da criança com relação à família.

V – Sobre a aprendizagem: expectativas sobre a atuação da família na aprendizagem escolar de seus filhos.

### **ENTREVISTA COM A ORIENTADORA**

#### **Questões motivadoras para a entrevista:**

1. Como é a participação da família nesta escola atualmente? Já foi diferente?
2. O que você julga ser "participação efetiva" dos pais/família?
  - a. No seu caso, como Orientadora, que participação você espera por parte da família?
  - b. Na escola
  - c. Na relação com a professora

- d. Na relação com seus próprios filhos
- e. Na dinâmica da turma
3. E como efetivamente se dá essa participação da família atualmente?
  - a. Na escola
  - b. Na relação com a professora
  - c. Na relação com seus próprios filhos
  - d. Na turma
4. Quando você contata a família, ou chama a família – eles comparecem? Em que situações você estabelece esse contato? Em que momentos a família vêm à escola?
5. Quais são as principais dificuldades na construção de uma relação da escola com a família?
6. Como você caracteriza sua ação em relação à criação de vínculos com a família dos alunos
7. De que forma a relação dos pais com a escola e seus agentes educativos atua para o processo de desenvolvimento das crianças?
8. Quais suas necessidades e interesses enquanto O.E. em relação à participação dos pais na vida escolar dos filhos?
9. Como é o trabalho da professora Daniela com a família? Quais são as principais reclamações da professora com relação à participação da família? E quais são as experiências bem sucedidas na construção dessa relação?
10. Quais as principais reclamações da família com relação à:
  - a. Escola
  - b. Professora
  - c. Seus próprios filhos
11. Turma
12. Qual é a importância da família para o desenvolvimento da criança e de seu sucesso escolar?
13. Em sua opinião, o que leva a família a se envolver, a se comprometer, a participar da vida escolar da criança? E quais as conseqüências mais visíveis para a criança dessa participação?
14. Sugira famílias que você considera participativas e comprometidas com a aprendizagem de seu filho e com o trabalho escolar.



Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

## **PESQUISA: A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS**

Laís Souza Ribeiro

Orientadora: Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

O roteiro deve ser estruturado de acordo com as cinco dimensões básicas que estão envolvidas na vida escolar da criança e, indiretamente, de suas famílias: escola (no papel de seus representantes institucionais como diretora, coordenadora, orientadora, pedagoga, psicóloga), turma, professora e equipe pedagógica por um lado, e a própria criança com seus processos singulares de aprendizagem por outro. Como o objetivo do trabalho é em termos gerais investigar a atuação da família na vida escolar das crianças, todas essas dimensões devem estar voltadas para explorar essa relação. A análise vai privilegiar o posicionamento subjetivo do sujeito entrevistado perante essas dimensões.

I – Sobre a escola: expectativas com relação à participação da família (definir as diferentes funções dos profissionais na relação com a família).

II – Sobre a turma: necessidades e expectativas com relação ao envolvimento da família.

III – Sobre a professora: relação da professora com a família; como a professora estabelece essas relações; quais as características de uma situação ideal e como de fato se dá essa relação (especialmente com a turma em questão).

IV – Sobre a criança: caracterizar o papel da família no desenvolvimento do filho; o que seria uma família comprometida e quais as necessidades da criança com relação à família.

V – Sobre a aprendizagem: expectativas sobre a atuação da família na aprendizagem escolar de seus filhos.

### **ENTREVISTA COM A PROFESSORA**

#### **Questões motivadoras para a entrevista:**

1. Como professora, que participação você espera por parte dos pais em relação à:
  - a. Escola
  - b. Professora
  - c. Na vida escolar dos próprios filhos
  - d. Na aprendizagem de seus filhos
  - e. Na turma

2. O que você julga ser "participação efetiva" dos pais?
3. Quando você contata/chama a família eles comparecem? Em que situações você estabelece esse contato? Em que momentos a família vêm à escola?
4. Quais são as principais dificuldades e demandas na relação com os pais?
5. Como você caracteriza sua ação em relação à criação de vínculos com a família dos alunos
6. No caso da turma específica deste ano, como é a participação da família em relação à:
  - a. Escola
  - b. Você
  - c. Vida escolar dos próprios filhos
  - d. Aprendizagem de seus filhos
  - e. Turma
7. Em relação aos outros anos, quais são as principais diferenças da participação das famílias deste ano? Você nota uma diferença de participação da família na vida escolar dos filhos ao longo dos anos de sua profissão?
8. De que forma a relação dos pais com a escola e seus agentes educativos influenciam no processo de desenvolvimento das crianças
9. Como você considera sua relação com as famílias de seus alunos?
10. Cite exemplos de alunos deste ano cuja família seja presente na escola, tenha uma boa relação com você e seja ativa quanto ao desenvolvimento escolar de seus filhos.
11. Cite exemplos de alunos deste ano cujas famílias sejam ausentes e você consideraria necessária uma mudança. Por quê?
12. Qual é a importância da família para o desenvolvimento da criança e de seu sucesso escolar?
13. Em sua opinião, o que leva a família a se envolver, a se comprometer, a participar da vida escolar da criança? E quais as conseqüências mais visíveis para a criança dessa participação?
14. Sugira famílias que você considera participativas e comprometidas com a aprendizagem de seu filho e com o trabalho escolar.





Universidade de Brasília  
 Faculdade de Educação  
 Departamento de Teoria e Fundamentos  
**PESQUISA: A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS  
 FILHOS**  
 Laís Souza Ribeiro  
 Orientadora: Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

### QUESTIONÁRIO COM AS FAMÍLIAS

Caros(as) mães e pais,

O meu nome é Laís, aluna do curso de Pedagogia da UnB, e estou realizando minha monografia sobre *a participação da família na vida escolar dos filhos*, para compreender o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança na escola nos anos iniciais. Por isso, gostaria de contar com sua colaboração respondendo ao questionário abaixo. O mais importante é que sua resposta seja muito sincera. Não é preciso se identificar. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição ao desenvolvimento desta pesquisa.

**Idade:** \_\_\_\_\_ anos

**Sexo:** \_\_\_\_ Masculino \_\_\_\_ Feminino

**Data:** \_\_\_\_\_

**Número de filhos convivendo no mesmo lar:** \_\_\_\_\_

**Há quanto tempo seu(sua) filho(a) estuda na EC 04 de Sobradinho?**

- ( ) desde o 1º. ano  
 ( ) desde o 2º. ano  
 ( ) desde o 3º. ano, 2011

**Nas duas questões a seguir, escolha 3 palavras que melhor descrevam cada item:**

1. Como está o desenvolvimento do seu filho na escola com relação à:
  - a. aprendizagem:
  - b. dever de casa:
  - c. comportamento em sala:
  - d. relação com os colegas:
  - e. relação com a professora:
  
2. Como é a sua relação com:
  - a. a sua criança do 3º ano:

- b. a professora:
- c. a orientadora:
- d. os pais dos colegas de sua criança:

**Nas questões a seguir, as respostas podem ser escritas abaixo, no verso ou em folhas avulsas. Lembre-se de indicar o número da pergunta correspondente à sua resposta.**

3. Descreva como você auxilia a sua criança com relação ao trabalho escolar.
4. Já houve alguma situação de aprendizagem escolar em que sua participação foi decisiva? Como foi sua atuação?
5. Como se dá a sua participação no cenário escolar?
6. Em que situações você é chamado à escola? Em geral, é possível comparecer? Justifique.
7. Quais são as principais dificuldades na construção de uma relação da família com a escola?
8. Qual é a importância da família para o desenvolvimento da criança e de seu sucesso escolar?
9. Na sua opinião, o que leva a família a se envolver, a se comprometer, a participar da vida escolar da criança? E quais as conseqüências mais visíveis para a criança dessa participação?
10. Para você, como deveria ser a relação ideal entre família e escola?<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Laís Souza Ribeiro – E-mail: laissouzaribeiro@hotmail.com

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Ferraz – E-mail: sandra.ferraz@gmail.com



Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

**PESQUISA: A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS  
FILHOS**

Laís Souza Ribeiro

Orientadora: Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

**ROTEIRO DE ENTREVISTA COLETIVA**

Nome, com quem mora, quem cuida?

Gosta de vir/estar na escola?

O que mais gosta e o que menos gosta na escola?

A família gosta da escola, como sabe?

Como é a turma?

Quem se relaciona dentro e fora da escola, freqüenta a casa do colega?

Quais os principais problemas na sala de aula?

De que a professor reclama?

O que acham mais legal?

Como é a professora?

Ela ensina bem?

Seus pais gostam dela?

Quando seus pais vêm na escola, o que ela diz para eles sobre vocês?

Quais as situações que seus pais vêm à escola?

E o que acontece na reunião de pais?

O que vocês acham dos seus pais virem a escola?

Quais são os problemas que você tem na escola (aprendizagem, disciplina-comportamento, relações com colegas e professora)?

- a) Como é a sua aprendizagem na escola? \_\_\_\_\_ boa, \_\_\_\_\_ ruim, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?
- b) Como é o seu comportamento na sala de aula? \_\_\_\_\_ boa, \_\_\_\_\_ ruim, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?
- c) Como é a relação com seus colegas? \_\_\_\_\_ boa, \_\_\_\_\_ ruim, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?
- d) Como é a sua relação com sua professora? \_\_\_\_\_ boa, \_\_\_\_\_ ruim, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?

- e) Como é a sua relação com a Orientadora Educacional? \_\_\_\_\_ boa, \_\_\_\_\_ ruim, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?
- f) Como é sua relação em casa (pai, mãe)? \_\_\_\_\_ boa, \_\_\_\_\_ ruim, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?

O que vocês acham do dever de casa?

Faz sempre?

Alguém ajuda?

Como eles ajudam?

Quem ajuda mais?

O que vocês acham dos pais ajudarem vocês?

Se você não faz o dever, o que acontece?

Vocês se acham bons alunos? \_\_\_\_\_ sim, \_\_\_\_\_ não, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?

A professora, acha que vocês são bons alunos? \_\_\_\_\_ sim, \_\_\_\_\_ não, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?

E os pais de vocês, eles acham que vocês são bons alunos? \_\_\_\_\_ sim, \_\_\_\_\_ não, \_\_\_\_\_ mais ou menos. Por quê?